

ANA PAULA LOPES DA SILVA

**ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:
CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY NA
*FOLHA DE S. PAULO***

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014

ANA PAULA LOPES DA SILVA

**ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:
CRÔNICAS DE CARLOS HEITOR CONY NA
*FOLHA DE S. PAULO***

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/
Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em
Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ernane C. Rabelo

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
2014



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Monografia intitulada Entre o Jornalismo e a Literatura: crônicas de Carlos Heitor Cony na Folha de S. Paulo, de autoria da estudante Ana Paula Lopes da Silva, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo- Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Adélcio de Sousa Cruz
Curso de Letras da UFV

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 26 de novembro de 2014

RESUMO

Esta monografia objetiva discutir o papel do formato crônica dentro da Literatura e do Jornalismo. Foi realizada uma análise das crônicas de Carlos Heitor Cony publicadas pela *Folha de S. Paulo* num período de vinte anos a fim de estabelecer em que medida as obra deste autor no dado veículo jornalístico pode ser classificada como jornalística ou literária. Para isto, toma-se como base teóricos de ambos os campos do conhecimento.

Palavras-chave: Carlos Heitor Cony; Crônica; Jornalismo; Literatura; *Folha de S. Paulo*

ABSTRACT

This monograph aims to discuss the role of chronic format within the Literature and Journalism. An analysis of the Carlos Heitor Cony's Chronicles published by *Folha de S. Paulo* in a period of twenty years, in order to establish in which proportion the works of this author in the cited journalistic vehicle , can be classified as journalistic or literary journalism. For this, it is taken as base studies researchers from both areas of knowledge.

Keywords: Carlos Heitor Cony; Chronicle; Journalism; Literature; *Folha de S. Paulo*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – Da Literatura às páginas dos jornais	9
CAPÍTULO 2 – Origem e história do Jornalismo	12
2.1. Como surgiu o Jornalismo.....	12
2.2. As vertentes do Jornalismo.....	14
2.3. Jornalismo Opinativo e Liberdade de Expressão.....	16
CAPÍTULO 3 – A crônica	18
3.1. A crônica como expressão literária.....	18
3.2. A crônica como formato jornalístico.....	23
CAPÍTULO 4 – História de um jornal	27
CAPÍTULO 5 – Carlos Heitor Cony	29
CAPÍTULO 6 – Procedimentos metodológicos	33
CAPÍTULO 7 – Análise das crônicas	37
7.1. Crônicas Narrativas.....	37
7.2. Crônicas Poema-em-prosa.....	39
7.3. Crônicas Metafísicas.....	40
7.4. Crônicas Comentário.....	41
7.5. Crônicas Informativas.....	42
7.6. Outras.....	43
7.7. Os temas de Carlos Heitor Cony.....	44
7.8. Apresentação e discussão dos resultados.....	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49
ANEXO A	51
APÊNDICE A	63

INTRODUÇÃO

Aprendemos que crônica é uma narração cronológica de um fato cotidiano, uma crítica, que pode ou não apresentar caráter humorístico. Mas com o tempo, percebemos que ela não está presente apenas nas definições de livros didáticos e paradidáticos indicados pelas professoras de Português, mas também em coletâneas, jornais, revistas e, em alguns casos, até nos palcos de teatro. Não são poucas as adaptações de textos do cronista Luís Fernando Veríssimo para encenação de cenas curtas, por exemplo.

Quando eu era criança minha tia assinava a revista *Veja* e eu arrancava a página com as crônicas de Jô Soares e Millôr Fernandes, não por reconhecer que eram crônicas, mas por gostar do estilo. O texto curto e de desfecho inesperado é facilmente compreendido.

Mas foi durante uma aula de Jornalismo Opinativo que o gênero despertou meu interesse. A crônica sempre esteve tão presente no meu dia a dia, que foi preciso que o professor me atentasse para seu caráter híbrido: possui características de texto literário como narração e diálogo, mas faz crítica social estando presente nos jornais.

Vale destacar autores historicamente pertencentes à Literatura que tiveram participação em jornais e revistas ao longo da história da imprensa no Brasil. Podemos citar José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Raul Pompéia, Coelho Neto, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e Fernando Sabino. Todos escreveram crônicas publicadas em jornais ou nos históricos espaços de folhetins.

Afinal, este é um gênero jornalístico ou literário? Essa questão vem sendo discutida por teóricos dos campos da Literatura e do Jornalismo, dentre os quais podemos citar José Marques de Melo, Afrânio Coutinho, Massaud Moisés e Luiz Beltrão com argumentos válidos de suas áreas. É através desses argumentos que buscamos estudar e analisar o papel da crônica na Literatura e no Jornalismo.

A presença da crônica na Literatura e no Jornalismo merece destaque por aproximar e intercalar características das duas áreas e permitir traços de narração e ficção com informação por meio da opinião de jornalistas e escritores a respeito de um fato ou acontecimento.

Para fazer esta análise, optamos por trabalhar com crônicas de Carlos Heitor Cony, escritor e jornalista contemporâneo, cuja obra possui peso significativo para a Literatura e Jornalismo brasileiros. Membro da Academia Brasileira de Letras, recebeu vários prêmios como romancista, podendo citar três vezes o Jabuti (em 1996, 1998 e 2000) na categoria Livro do

no, Prêmio Nacional Nestlé¹ (1997) e Prêmio Machado de Assis² (1996). Em 1998, o governo francês condecorou o autor com a *L'Ordre des Arts et des Lettres* no Salão do Livro, em Paris. Como jornalista, Cony esteve presente na imprensa desde 1952, iniciando sua carreira no *Jornal do Brasil* e posteriormente se tornou redator, cronista e editor no *Correio da Manhã*. Em 2014, aos 88 anos de idade, trabalha como comentarista da *Rádio CBN* e é colunista da *Folha de S. Paulo* desde 1993, onde escreve crônicas três vezes por semana. Durante esses 20 anos, estima-se que tenham sido publicadas aproximadamente 2600 crônicas.

Para a análise, decidimos então criar um *corpus* que englobasse amostragem aleatória do período de 1993 a 2013, nos possibilitando uma visão geral de sua trajetória ao selecionarmos uma crônica por mês durante vinte anos que o cronista trabalhou na *Folha de S. Paulo*. Partindo do pressuposto de que a crônica apresenta caráter híbrido, procuramos entender em que medida as crônicas de Carlos Heitor Cony podem ser consideradas como jornalísticas ou literárias.

Este estudo também visa dar conta dos seguintes objetivos específicos: aprofundar conhecimentos história do Jornalismo; discutir conceitos e definições de Jornalismo Literário, Jornalismo Opinativo, seus formatos, dando destaque a crônica.

Iniciamos nossa pesquisa com uma discussão a respeito do conceito e origens da Literatura. No *Capítulo 1 – Da Literatura às páginas dos jornais* apresentamos breve histórico de como a participação de grandes escritores se inseriu no Jornalismo e nos espaços de folhetins.

No *Capítulo 2 – Origem, história e gêneros do Jornalismo*, trazemos um levantamento de discussões de pesquisadores da Comunicação em torno do surgimento das primeiras tentativas do fazer jornalístico; definições de Jornalismo, jornalista e notícia; um breve histórico da História da Imprensa a partir do surgimento dos primeiros veículos impressos de informação; apresentamos três vertentes do Jornalismo; além de discutir de que forma a Literatura está presente nos jornais na atualidade. Abordamos o surgimento do gênero no jornalismo mundial e como chegou ao Brasil, traçamos uma breve comparação entre os formatos de informação e opinião, apresentando as classificações de Luiz Beltrão e Marques de Melo, além de explicar resumidamente cada um dos formatos opinativos propostos por Marques de Melo.

No *Capítulo 3 – A crônica* trazemos a origem etimológica do termo *crônica*, além de seu percurso evolutivo desde suas origens como mero relato circunstancial até a crônica

¹ Promovido pela Bienal Nestlé de Literatura, criada em 1987 pela Fundação Nestlé Brasil.

² Prêmio concedido pela Academia Brasileira de Letras pelo conjunto da obra.

moderna proposta por Machado de Assis. Mostramos também como ela se classifica entre os gêneros literários e sua relação com a Literatura. Também relatamos como o gênero se inseriu no jornal através dos folhetins e um levantamento de autores que discutem o pertencimento da crônica ao Jornalismo ou a Literatura.

O quarto e quinto capítulos fazem um apanhado histórico da *Folha de S. Paulo* e uma biografia de Carlos Heitor Cony. No *Capítulo 4 – História de um jornal*, relatamos a trajetória da *Folha*, empresa jornalística com mais de 90 anos de tradição, reconhecimento nacional possuindo a maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral, para a qual Cony escreve há mais de vinte anos. No *Capítulo 5 – Carlos Heitor Cony*, trouxemos os principais fatos ocorridos na vida do autor, além de sua participação na Literatura e no Jornalismo.

No sexto capítulo, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados ao longo da pesquisa, justificando o motivo da escolha de temas e metodologias de análise. Além disso, traz uma apresentação do que é Análise de Conteúdo e de que forma se aplica às pesquisas de comunicação. Apresenta também a classificação das crônicas segundo Afrânio Coutinho da qual nos valemos para analisar as crônicas de Carlos Heitor Cony na *Folha de S. Paulo*.

No sétimo capítulo realizamos a análise das crônicas em si. Discutindo características que mais se adequam a cada uma das classificações de Coutinho, além de uma comparação entre tendências apresentadas pelo autor.

CAPÍTULO 1 – DA LITERATURA ÀS PÁGINAS DOS JORNAIS

Sempre que nos perguntam o que é Literatura, nossa mente nos remete à série de obras publicadas ao longo dos anos por Machado de Assis, Castro Alves, Camões, José de Alencar, Guimarães Rosa e tantos outros. Segundo Moisés (1968, p.15) a palavra “Literatura” é derivada do Latim *literatura*, se originando de *littera*, que significa “ensino primário, da escrita e das letras”. O autor explica que posteriormente a palavra ganhou novo significado, passando a equivaler à “arte das belas letras” ou simplesmente “arte literária”.

A Literatura sofre mudanças com o tempo e a sociedade a qual pertence, o que dificulta a criação de uma definição universal. Desta forma, Moisés propõe que não tratemos de definições, mas sim de conceitos. O autor afirma que a premissa necessária é que “a Literatura, do mesmo modo que as demais Artes e as Filosofias, as Religiões e as Ciências, é uma forma ou tipo de conhecimento” (MOISÉS, 1968, p. 18).

Segundo Zappone e Wielewicki (2009, p. 19), “o conceito de literatura construiu-se e constrói-se através de um processo que é social e histórico ao mesmo tempo”. Isso significa que cada geração cria sua própria Literatura, cujas características marcantes de gêneros e linguagens são específicas e determinadas pelo contexto em que se inseriam seus principais autores.

As autoras afirmam ainda que a ideia moderna de Literatura que a define como uma categoria específica da criação artística e a separa das demais (música, pintura, arquitetura, entre outras), resultando num determinado conjunto de textos “só veio a ser formulada a partir da segunda metade do século XVIII e desenvolvida, de forma mais completa, no século XIX”. Sabe-se que, até o século XV, pouco havia de Literatura, pois poucos eram alfabetizados ou tinham acesso a textos escritos.

Literatura relacionava-se à capacidade de ler e de, portanto, possuir conhecimento, erudição e ciência. Assim, literatura não designava uma produção artística. Ela abarcava tanto o conhecimento dos indivíduos sobre vários ramos do saber, da gramática à filosofia, da história à matemática, quanto o amplo conjunto dos textos que propiciavam esse conhecimento. (ZAPPONE e WIELEWICKI, 2009, p.20)

Desta forma, a Literatura só veio a se popularizar com a chegada da invenção de Gutenberg: a imprensa. Datando justamente de meados do século XV, surgia “uma nova e artística novidade” no tempo em que os livros eram manuscritos ou, no máximo, xilográficos (RIZZINI, 1977, p. 133). Segundo Rizzini, João Gensfleisch³ (1400-1468), mais conhecido como Gutenberg, tinha sido exilado de sua terra natal (Mainz, na Alemanha), para

³ Nome traduzido pelo autor. Original era Johannes Gensfleisch zur Laden zum Gutenberg.

Estrasburgo no ano de 1424, onde trabalhava inicialmente como gravador em ferro e madeira. Em 1436, organizou uma empresa para a “exploração de um segredo” na fabricação de livrinhos e folhetos devocionais. Com o apoio financeiro de João Fust, Gutemberg conseguiu, por volta de 1456, realizar o feito de imprimir a *Bíblia de 42 linhas* (*Bíblia de Gutemberg*), e foi considerada o primeiro fruto da tipografia. (RIZZINI, 1977, p. 136).

Com o tempo, a Literatura se expandiu para além dos livros ganhando espaço nas folhas dos jornais. Foi por volta de 1830 que os literatos começaram sua inserção no campo da imprensa com o surgimento dos *folhetins*, nos rodapés das seções de *Varietades*. Eram matérias traduzidas, resenhas, folhetins literários, crônicas anônimas. Segundo Abrão,

na segunda metade do século XIX, os jornais cederam espaço para a publicação de textos curtos, de contos traduzidos e do folhetim, compreendido em suas acepções mais correntes: tanto como romance em capítulos, quanto como crônica. (ABRÃO, 2005, p. 21).

Os folhetins não se tratavam exatamente dos romances publicados em periódicos. Quando surgiram na França davam espaço para a crítica literária e assuntos diversos como explica Pena:

Quando apareceu pela primeira vez, no *Journal des Débats*, denominava um tipo de suplemento dedicado à crítica literária e a assuntos diversos. Mas a partir das décadas de 1830 e 1840, a eclosão de um Jornalismo popular, principalmente na França e na Grã-Bretanha, mudou o conceito, incorporando-o a nova lógica capitalista. Publicar narrativas literárias em jornais proporcionava um significativo aumento nas vendas e possibilitava uma diminuição nos preços, o que aumentava o número de leitores e assim por diante. Para os escritores também era um ótimo negócio. Não só porque recebiam em dia dos novos patrões, mas também pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e de seus nomes. (PENA, 2006, p. 28 e 29)

Com a chegada dos folhetins ao Brasil os olhos dos literatos da época se voltaram para as redações, que ofereciam espaço para publicação e pagamento garantido por seus textos. De acordo com Eleutério (2008, p. 94), a abertura desses espaços teria grande importância para a arte literária no Brasil, pois

Os letrados da hora estavam, portanto, à disposição dos periódicos que procuravam a ampliação de tiragens, almejando o lucro num mercado agora competitivo. Todas essas alterações no processo de produção e transmissão da informação reconfiguraram o mercado e a dinâmica intelectual e cultural brasileiras. (ELEUTÉRIO, 2008, p. 94)

Segundo Martins (2008, p. 69), os primeiros romances publicados nos folhetins foram estrangeiros. *O Conde de Monte Cristo*, de Alexandre Dumas, teria sido um dos primeiros sucessos publicados desta forma pelo *Jornal do Commercio*, mas o espaço foi logo ocupado por escritores brasileiros. Seguem algumas grandes obras da Literatura que foram publicadas primeiramente em forma de folhetim: *Memórias de um sargento de milícias* (1852-1853) de

Manuel Antônio de Almeida, publicado no *Correio Mercantil*; *O guarani* (1857), de José de Alencar, no *Diário do Rio de Janeiro*; *A mão e a Luva* (1874), em *O Globo*, e *Iaiá Garcia* (1878) em *O Cruzeiro*, ambos de Machado de Assis. Aliás, Machado de Assis deixou uma extensa lista de publicações nas páginas da imprensa brasileira.

Na impossibilidade de editar um romance, dada a inexistência de uma editoração nacional, produzia-se o conto, esse sim, com publicação garantida nas revistas. Teria sido tão vasta a produção de crônicas e contos de Machado de Assis, propagada pelos jornais e revistas não fosse a limitação de instrumentos de veiculação da época, restringindo o autor ao que “cabia” no periódico, ao que era possível ser publicado naquela altura nos jornais, ao que tinha no mercado? Romances, só aos bocaditos, em forma de folhetim, que aos jornais interessavam comercialmente como atração de primeira página. A característica da seriação, instigando a leitura seguinte, garantia o consumo da publicação enquanto lá se encontrasse, de suspense em suspense, o enredo instigante com os lances rocambolescos pertinentes. (MARTINS, 2008, p. 69).

Abrão (2005, p. 23) ressalta que, apesar dos folhetinistas terem sido majoritariamente literatos, os temas das crônicas se prendiam muito aos acontecimentos da semana o que restringia a liberdade de assuntos que o autor podia abordar.

Sendo assim, a crônica-folhetim era muito mais noticiosa do que literária, apesar dos esforços de Alencar nas suas “Conversas, ao correr da pena, com leitores e leitoras”, em utilizar-se de recursos como a fantasia o humor e o devaneio, em suas crônicas. (ABRÃO, 2005, p.23)

Os folhetins alcançaram seu ápice no final do século XIX, quando era publicado visando principalmente aumentar a venda dos jornais se mostrando um disseminador de cultura de massa e entretenimento. Porém, com surgimento do rádio começou sua decadência até desaparecer por completo. Mesmo com o fim dos folhetins, os jornais ainda deixam espaço à literatura, seja na forma de coluna e crônicas que os atuais escritores publicam, seja em resenhas dos livros e *best-sellers* como um convite para novas leituras. Por outro lado, o Jornalismo também se aproximou da Literatura com o passar do tempo.

CAPÍTULO 2 – ORIGEM, HISTÓRIA E GÊNEROS DO JORNALISMO

2.1. Como surgiu o Jornalismo

A ideia de notícia surgiu bem antes da tipografia. Felipe Pena (2006, p.26), afirma que “os relatos orais são a primeira grande mídia da humanidade”, e afirma que o jornalismo pode ter nascido na pré-história, com a primeira comunicação humana. Como explica Rodrigues (2004, apud KOVACH E ROSENSTIEL, p. 17, 2004), habitantes de sociedades tribais africanas isoladas ou de remotas ilhas do Pacífico possuem a mesma definição de notícia ao procurar se informar, além de escolher o porta-voz para espalhar as informações, que deveria ser rápido, saber apurar com exatidão os fatos e narra-los de forma envolvente. Assim, ele completa:

As notícias satisfazem um impulso básico. As pessoas têm uma necessidade intrínseca – um instinto, digamos – de saber o que acontece além de sua própria experiência direta. Assim, estarmos a par de fatos que não podemos ver por nossa própria conta cria uma sensação de segurança, de controle, de confiança. (RODRIGUES, 2004, apud KOVACH E ROSENSTIEL, p. 16, 2004).

O Jornalismo como conhecemos atualmente datam do início do século XVII, nascendo de rodas de conversas em lugares públicos de Londres. Segundo Kovach e Rosenstiel (2004),

os donos de bares, chamados *publicans*, estimulavam os papos animados de viajantes que chegavam, para que contassem o que tinham visto e ouvido no caminho, material informativo registrado depois em livros especiais que ficavam sobre o bar. (KOVACH e ROSENSTIEL, p. 37, 2004).

Podemos observar a evolução do Jornalismo no quadro evolutivo proposto por Ciro Marcondes Filho (2002, apud PENA 2006) que resume em cinco épocas distintas a história da imprensa mundial a partir do surgimento dos primeiros veículos impressos. Segundo ele, teríamos a síntese a seguir:

- Pré-história do Jornalismo: de 1631 a 1789. Caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro.
- Primeiro Jornalismo: 1789 a 1830. Caracterizada pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária, e comandado por escritores, políticos e intelectuais.
- Segundo Jornalismo: 1830 a 1900. Chamada imprensa de massa, marcada pelo início da profissionalização dos jornalistas a partir da criação das primeiras escolas de comunicação, a criação de reportagens e manchetes, a utilização de publicidade e a consolidação da economia de empresa.

- Terceiro Jornalismo: 1900 a 1960. Chamada imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizavam o mercado.
- Quarto Jornalismo: de 1960 em diante. Marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções do jornalista, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita.

Pena (2006, p. 28) comenta essa separação de épocas dando destaque à discussão proposta no capítulo anterior:

Pela classificação de Marcondes Filho, portanto, a influência da Literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo. Estamos falando justamente dos séculos XVIII e XIX, quando escritores de prestígio tomaram conta dos jornais e descobriram a força do novo espaço público. Não apenas comandado pelas redações, mas, principalmente, determinado pela linguagem e conteúdo dos jornais. E um dos seus principais instrumentos foi o folhetim, um estilo discursivo que é a marca fundamental da confluência entre Jornalismo e Literatura. (PENA, 2006, p. 28).

Independentemente de sua origem, as notícias fazem parte da vida em sociedade e é necessário para se liguem a outras esferas sociais. Porém, como definir o Jornalismo? Podemos defini-lo de três maneiras diferentes, como arte, ofício ou ciência.

Segundo Kelly (1978, p. 168), “no agrupamento das artes literárias, situa-se o Jornalismo com direito a lugar próprio nos quadros classificatórios dos gêneros. [...] A arte de contar tem no conto e no jornal duas modalidades distintas; ambas autênticas”. O autor ainda explica que: “O processo jornalístico assemelha-se aos demais processos de criação artística: captação *sensível* do fato, *comunicação* inteligente do fato, contando o contável e provocando nas entrelinhas as *sugestões* que sua palavra enxuta possa produzir”.

Por outro lado, o Jornalismo nasceu como ofício, profissão aprendida na prática diária e convívio com outros jornalistas antes mesmo da criação das escolas de comunicação. Desde a produção artesanal dos primeiros jornais, até os dias atuais, por mais que se estude, não há como realmente conhecer a técnica jornalística sem viver o ofício do Jornalismo, indo às ruas pesquisar, apurar e ouvir e vivendo o ritmo das redações.

Por fim, o Jornalismo como ciência nasceu com o surgimento de pesquisas na área de comunicação em território norte-americano. A primeira escola de Jornalismo do mundo foi a Washington College, estado da Virgínia, nos Estados Unidos, em 1869. No Brasil a profissão só chegou ao meio acadêmico no ano de 1947, com a fundação da Faculdade de Comunicação

Social Cásper Líbero em São Paulo. Várias outras foram criadas a partir daí, fator que foi primordial importância para se definir como campo de conhecimento.

Jornalismo é uma profissão da comunicação, o que não quer dizer que todo comunicador possa ser considerado jornalista. O termo comunicador é frequentemente usado para definir toda organização dos meios de comunicação, o que significa que qualquer pessoa que passe informação, opinião ou entretenimento aos receptores, ou participe de alguma maneira em tal processo está compreendido nessa categoria. Porém, “é mais útil separar o aspecto de distribuição do usuário final e definir os comunicadores como pessoas que produzem o conteúdo dos meios de comunicação dentro de uma organização e que podem influenciar esse conteúdo” (KUNCZIK, 2002, p. 15). Donsbach (1987 apud KUNCZIK, 2002) define que “o jornalista é quem está envolvido na formação de conteúdo do produto da comunicação de massa, esteja na reunião, na avaliação, na apuração, no processamento ou na divulgação de notícias, nos comentários ou no entretenimento”. Com essa definição, Donsbach consegue abarcar as quatro funções do Jornalismo propostas por Lasswell/Wright que veremos no tópico a seguir.

Até hoje podemos notar a convivência do Jornalismo e Literatura nos jornais, principalmente pela participação de escritores publicando suas crônicas. Um grande defensor dessa mistura de gêneros é Moacyr Scliar que apesar de não se considerar jornalista (não ter formação em comunicação) garante que não é mais o mesmo escritor desde que se tornou colaborador de jornal. Ao escrever crônicas para jornais, Scliar afirma ter aprendido principalmente três coisas no ambiente das redações: escrever de forma sistemática, mesmo em falta de inspiração, ser objetivo e conseqüentemente, sintético e pontual. Por outro lado, o autor também afirma que o Jornalismo tem muito a aprender com a Literatura:

Acho, sim, que a literatura pode ensinar algo ao jornalismo. Em primeiro lugar, a cuidar da forma, a escrever e a reescrever. Também ensina a privilegiar a imaginação – mas não demais: realidade é realidade, ficção é ficção. O novo jornalismo foi uma experiência interessante, mas exagerou muito.

Há sim, uma fronteira entre jornalismo e ficção. Mas é uma fronteira permeável, que permite uma útil e amável convivência. No passado, grandes escritores foram grandes jornalistas: o caso de Machado de Assis, de Lima Barreto. Nada impede que esta tradição tenha continuidade. (SCLIAR, 2005, p. 14).

Com essa afirmação, Scliar defende a importância unir as qualidades das duas áreas para benefício mútuo. Sem conhecimento da língua e da gramática, o jornalista não conseguiria se comunicar com eficiência, porém, devemos lembrar que a ficção também se inspira na realidade, como é o caso de obras baseadas em fatos reais tão presentes na literatura

e no cinema. Muitas dessas obras tiveram origem em acontecimentos que repercutiram na mídia.

2.2. As vertentes do Jornalismo

Segundo Marques de Melo (2003), o informativo e o opinativo teriam sido os dois primeiros gêneros do Jornalismo, os demais surgiram a partir de “mutações” que o processo jornalístico sofreu contemporaneamente. A atividade jornalística é definida por Marques de Melo (2003, p.17) “não somente como a transmissão ou comunicação de notícias e informação da atualidade. É também comunicação de ideias, opiniões, juízos críticos” que seria base do Jornalismo de Opinião. Com essa afirmação o autor defende a existência de várias categorias de Jornalismo que não só a do Jornalismo Informativo que reúne as notícias diárias e tem o papel puramente de apurar os fatos e informá-los ao público de forma rápida, prática e o mais objetiva possível.

Melo também busca referências no esquema de Lasswell/Wright sobre as funções do Jornalismo para definir os demais gêneros que seriam a observação, o aconselhamento, a educação e a diversão (para outros autores, entretenimento). Em uma situação ideal cada uma dessas estaria diretamente relacionada a uma categoria específica: o Jornalismo Informativo cumpriria a função de observar da realidade, apurar e informar os fatos e acontecimentos à sociedade; ao Jornalismo Opinativo cabe aconselhar e formar opinião a partir da difusão de opiniões próprias ou de outras fontes; por sua vez, o Jornalismo Interpretativo viria para educar na medida em que informa, orienta e enriquece os conhecimentos dos leitores com reportagens em profundidade; já a diversão encontra seu espaço no Jornalismo Diversional, cuja finalidade é oferecer informações não necessariamente relevante, mas que buscam divertir e entreter o público em seus momentos de ócio.

A Literatura também se vê presente no Jornalismo principalmente a partir de diversas crises que o jornalismo impresso sofreu nos anos 60. Segundo Medel (2005, p. 20 e 21), essas diversas crises deram origem ao *novo jornalismo* não só nos Estados Unidos onde se originou (*New Journalism*) mas se expandiu pela Europa e América Latina, rompendo fronteiras fecundando “a criatividade informativa no âmbito do jornalismo (sobretudo em gêneros como o artigo de opinião, a crônica, a reportagem e a entrevista) de modo que permitiu um

importante impulso às formas de escrita literária que adotaram a retórica no jornalismo”. No tópico a seguir veremos como surgiu o Jornalismo Opinativo assim como seus gêneros.

2.3. Jornalismo Opinativo e Liberdade de Expresso

Sabe-se que as duas categorias mais tradicionais do Jornalismo são o Informativo e o de Opinião. Segundo Marques de Melo, até o século XVIII, por motivo de censura prévia, o jornalismo estava dividido principalmente em dois níveis, ou eram publicações clandestinas, manuscritas ou impressas, que circulavam desafiando o poder absolutista e difundindo ideias que viriam a destruí-lo, sem compromisso com a periodicidade regular; ou eram publicações oficiais, submetidas a censura prévia que segundo o autor, “não passavam de propaganda governamental”. Desta forma, o autêntico jornalismo que conhecemos atualmente (processos regulares, contínuos e livres de informação sobre a atualidade e de opinião sobre a conjuntura), só se consolidou após a ascensão da burguesia e a abolição da censura prévia.

Na França, isso ocorreu com o decreto de 5 de julho de 1788 que estabelecia liberdade de imprensa, e a proclamação da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789), cujo Art.11^o⁴ previa a liberdade de expressão e pensamento.

Na Inglaterra, semelhante fenômeno ocorreu quando o Parlamento revogou o *Regulation of printing and licensing*, o que fez com que o número de jornais se expandiram consideravelmente. Vários outros países onde a burguesia havia ascendido sua influência na sociedade seguiram o exemplo da França e da Inglaterra, e foram criadas medidas que garantissem a abolição da censura prévia.

De qualquer maneira, o fim da censura prévia constituiu um fator preponderante para que o jornalismo assumisse fisionomia peculiar – a de uma atividade comprometida com o exercício do poder político, difundindo ideias, combatendo princípios e defendendo pontos de vista. Nesses primeiros momentos da sua afirmação, o jornalismo caracteriza-se de expressão de opiniões. Na medida em que a liberdade de imprensa beneficiava a todos, as diferentes correntes de pensamentos ou os distintos grupos sociais se confrontavam através das páginas dos jornais que editavam. [...] A instituição de taxas, impostos, controles fiscais atacava o flanco da sobrevivência econômica. A decretação de limites à liberdade de imprensa dava conta do cerceamento político, estabelecendo o mecanismo da censura *a posteriori*, ou seja, a punição dos excessos cometidos, nos termos da legislação vigente. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 23).

⁴ Art. 11^o. A livre comunicação das ideias e das opiniões é um dos mais preciosos direitos do homem. Todo cidadão pode, portanto, falar, escrever, imprimir livremente, respondendo, todavia, pelos abusos desta liberdade nos termos previstos na lei

Deste modo, segundo Marques de Melo, o jornalismo inglês se torna mais informativo, graças às restrições a expressão de opinião, buscando evitar o confronto direto com o centro do poder, enquanto o francês se foca mais na opinião, promovendo debates em relação ao cenário político da época. A partir dessa distinção, podemos observar que o equilíbrio ou predominância das categorias do Jornalismo vão variar para cada processo jornalístico.

Mesmo assim, o autor explica que, após o século XIX, quando a informação é convertida em mercadoria pela imprensa norte-americana, observa-se uma hegemonia do Jornalismo Informativo. “Evidentemente o *jornalismo opinativo* não desaparece. Na prática ele tem o seu espaço reduzido, sua presença na superfície imprensa circunscrita às páginas chamadas ‘editoriais’. No rádio e televisão, sua posição também se apresenta residual”. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 24).

Assim como cada país desenvolveu seu próprio processo jornalístico a questão dos gêneros pertencentes a cada categoria, criada pelos pesquisadores de comunicação locais, também é variável em cada região do mundo.

No Brasil, o primeiro pesquisador a se preocupar com a criação de uma classificação sistemática para os gêneros jornalísticos foi Luiz Beltrão. Segundo o autor, o Jornalismo teria três categorias e seus respectivos formatos: Informativo (notícia, reportagem, história de interesse humano, informação pela imagem), Interpretativo (reportagem em profundidade) e Opinativo (editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada, opinião do leitor).

Para Marques de Melo, o critério adotado por Beltrão é explicitamente funcional, ou seja, propõe uma separação dos gêneros segundo as funções de informar, explicar e orientar desempenhadas por cada estilo junto ao público leitor. Neste caso, é uma opção do autor não incluir o jornalismo de entretenimento ou diversional, que, como vimos no capítulo anterior, seria a quarta categoria.

Nota-se apenas a não inclusão da categoria diversional, o que pode significar uma observância escrita do esquema funcional de Lasswell, pois a função lúdica na verdade constitui uma incorporação proposta por Charles Wright. Lendo cuidadosamente toda a concepção de jornalismo formulada por Beltrão percebemos que ele coincide com a atitude de Nixon, encarando o jornalismo como uma atividade *séria*, onde não há lugar para a brincadeira, para a diversão. Sendo uma atividade comprometida com a “promoção do bem comum”, ela deve se ater ao universo escrito do real, da verdade, da atualidade. Isso não exclui a presença do entretenimento nos meios de comunicação, mas em espaços apropriados para a fruição estética. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 60).

Por sua vez, Marques de Melo cria sua própria classificação, separando os gêneros apenas entre as categorias de Jornalismo Informativo e Opinativo, justificando a ausência das

categorias Interpretativo e Diversional por “não encontrarem ancoragem na práxis jornalística observada no país”. Desta forma, a classificação de Marques de Melo se dá entre duas categorias: o gênero informativo, que abarca os formatos nota, notícia, reportagem e entrevista; e o gênero opinativo, englobando editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

Visto que nosso estudo se trata apenas da categoria opinativa, não vamos nos ater aos gêneros pertencentes ao Jornalismo Informativo, passando diretamente a uma breve explicação de cada estilo citado. Enquanto no Jornalismo Informativo a voz do jornalista não deve ser observada, na esfera opinativa, dentro da classificação brasileira, existem oito gêneros nos quais a empresa, o jornalista, o colaborador e o leitor encontram espaço para expor suas opiniões de forma explícita:

a opinião da empresa, ademais de se manifestar no conjunto da orientação editorial (seleção, destaque, titulação), aparece oficialmente no *editorial*. A opinião do jornalista, entendido como profissional regularmente salariado e pertencente aos quadros da empresa, apresenta-se sob a forma de *comentário*, *resenha*, *coluna*, *crônica*, *caricatura* e eventualmente *artigo*. A opinião do colaborador, geralmente personalidades representativas da sociedade civil que buscam os espaços jornalísticos para participar da vida política e cultural, expressa-se sob a forma de *artigos*. A opinião do leitor encontra expressão permanente através da *carta*. (MELO, 2003, p. 102).

Marques de Melo também destaca alguns gêneros que se estruturam de modo semelhante quanto à angulagem. Por exemplo, o *comentário* e o *editorial* possuem angulagem temporal, o que exige continuidade e imediatismo, pois se relacionam a assuntos tratados recentemente, quando não na própria edição na qual foram publicados; a *resenha* e o *artigo* têm a angulagem determinada de acordo com a competência dos próprios autores ao analisar os fatos e os valores inerentes a eles; A *coluna* e a *caricatura* buscam discutir temas atuais de acordo com o emergir e o repercutir dos acontecimentos; Já a *crônica* e a *carta*, apesar de também discutir fatos atuais, acabam por estrutura-se de modo temporalmente mais defasado, pois discutem assuntos publicados em edições anteriores.

Dentre os gêneros citados, o que mais abre espaço para a discussão é a crônica. Tendo nascido de um registro histórico e ganhando espaço na Literatura brasileira a partir de sua inserção no jornalismo, inicia uma discussão a respeito de seu campo de pertencimento. No capítulo seguinte, buscamos trazer os posicionamentos de pesquisadores e conhecer as várias facetas da crônica.

CAPÍTULO 4 – A CRÔNICA

4.1. A crônica como expressão literária

Etimologicamente a palavra crônica remete ao deus *Chronos* da mitologia grega. Daí tira-se a definição clássica desse gênero na literatura: uma narrativa cronológica e objetiva de um fato histórico. Segundo Soares (1999, p. 64), em sua origem, a crônica não tinha nenhuma participação interpretativa do cronista. A autora afirma que o gênero atingiu seu ápice com este formato após o século XII, durante a Idade Média, quando as narrativas traziam extraordinárias aventuras de reis europeus.

A partir de então, passou a apresentar uma perspectiva individual da história. Podemos citar como exemplo Fernão Lopes, escritor que viveu em Portugal durante o século XIV e alcançou o cargo de cronista-mor do reino ao escrever a crônica da vida dos primeiros sete reis. Os manuscritos de *Crônica de Portugal de 1419* foram encontrados entre 1942 e 1945 e atribuídos ao cronista.

O cronista português Fernão Lopes (1385-1460) foi o autor do maior monumento literário que o seu reino viu nascer no século XV e foi nomeado pela dinastia de Avis para representar os eventos que a alçaram ao trono, sucedidos no século anterior. O cronista legou-nos uma trilogia protagonizada por D. Pedro I (1357-1367), D. Fernando (1367-1383) e D. João I (1385-1433), este, o novo rei de Avis. (GUIMARÃES, 2006, p. 1)

A obra de Fernão Lopes acabou se tornando além de monumento da Literatura Portuguesa, um importante documento histórico, fonte de pesquisa para estudiosos da Literatura e da História, interessados em conhecer a vida e comportamento dos membros da realeza.

Afrânio Coutinho (1987) traz uma breve apresentação do gênero literário ao redor do mundo. Sendo um relato dos acontecimentos em ordem cronológica, Coutinho afirma que o formato se aproxime das atas de eventos. Ele explica que em todos os países europeus, com exceção de Portugal, a crônica segue com o sentido tradicional até hoje.

Foi o feitio que assumiu a historiografia particularmente na Idade Média e no Renascimento, em todas as partes da Europa, a princípio em latim e depois em diversas línguas vulgares inclusive o português, em que se deu verdadeiras obras-primas. Foi esse o sentido que prevaleceu nos vários idiomas europeus modernos, menos o português, até hoje. Em inglês, espanhol, francês, italiano, a palavra só tem esse sentido: *crônica* é um gênero histórico. E como crônica, “croniqueiro” e “cronista” só se empregam relativamente à crônica naquele sentido: eram o indivíduo que escrevia crônica, do mesmo modo que no francês *chroniqueur* e *chronique*. É o significado tradicional. (COUTINHO, 1987, p. 790).

Com a evolução do gênero, essas narrativas passaram a ser denominadas “crônicas”. A crônica permaneceu sofrendo modificações até que, “a partir do século XIX, a crônica já apresenta um trabalho literário que a aproxima do conto e do poema, impondo-se, porém, de uma forma especial, porque não se permite classificar como eles” (SOARES, 1999, p. 95).

Trazendo a discussão para a Literatura brasileira, alguns estudiosos acreditam a primeira crônica nacional tenha sido *A carta a el-rei dom Manuel sobre o achamento do Brasil*, de Pero Vaz de Caminha, por trazer um registro circunstancial, uma das características mais marcantes do gênero. Essa classificação se faz perigosa, pois o próprio título do texto afirma ser uma carta. Porém, é uma narrativa cronológica dos acontecimentos ocorridos durante a chegada dos primeiros portugueses ao Brasil, se tornando um marco importante para o início da literatura brasileira.

Desde o achamento da carta de Caminha na torre do Tombo em 1773 por Seabra da Silva até os dias atuais, a literatura brasileira passou por várias etapas, percorrendo os caminhos de um processo que procurava, como ponto principal, alcançar o abasileiramento das nossas letras, seja pela linguagem, pela sintaxe, pela variedade de poéticas, ou principalmente pela dessacralização dos temas sagrados e consagrados, a literatura conseguiu encontrar-se com a sua inimiga tradicional: a vida mundana. (SÁ, 1985, p.7)

A crônica no Brasil só ganhou novo significado a partir de sua inserção no mundo jornalístico. Segundo Coutinho, tanto no Brasil, como em Portugal, a partir de certo do século XIX, com a chegada dos folhetins, os termos “crônica” e “cronista” passam a ser usados com o sentido atualmente conhecido na Literatura: refere-se a um gênero literário específico, estreitamente ligado ao jornalismo.

Certamente o uso da palavra para indicar o relato e comentário de fatos em pequena seção de jornais acabou, como é comum, por estender-se a definição da própria seção e do tipo literatura que nela se passou a produzir. O fato é que, em português, “crônica” tornou-se outra coisa: um gênero literário de prosa ao qual menos importa o assunto, em geral efêmero, do que as qualidades de estilo; menos o fato em si do que o pretexto ou a sugestão que pode oferecer ao escritor para divagações borboleteantes e intemporais; menos o material histórico do que a variedade, a finura e a argúcia na apreciação, a graça na análise de fatos miúdos e sem importância, ou na crítica buliçosa de pessoas. Assim, crônicas são essas pequenas produções em prosa, com tais características aparecidas em jornais ou revistas. (COUTINHO, 1987, p. 791).

O que se sugere aqui é que, como afirma Abrão (2005, p. 23) “as crônicas-folhetins eram muito mais noticiosas do que jornalísticas”. Porém, esses moldes mudaram com a participação de Machado de Assis, que trouxe para a crônica de jornal

características da narrativa moderna, como digressões, alusão a personagens que não tinham relação direta com o fato narrado, e, principalmente, ruptura da narrativa linear. A linguagem era informal, porém não chegava ao coloquialismo de seus sucessores. A narrativa machadiana emprestou ao gênero mais vigor literário e sua produção artística influenciou grandes escritores nacionais do século XX. (ABRÃO, 2005, p. 25).

Ao pesquisar a classificação dos gêneros literários, muitas vezes nos deparamos com o seguinte quadro proposto por Afrânio Coutinho em *Crítica e Teoria Literária* (1987), que apresentamos abaixo de forma resumida.

Gêneros literários segundo o método de interpretação		
Direto:	Gênero Ensaístico (ensaio, crônica, oratória, carta, apólogo, máxima, diálogo e memórias)	
Indireto:	Gênero Narrativo	Ficção (romance, novela, conto e fábula)
		Epopéia
	Gênero Dramático (tragédia, comédia, tragicomédia, drama, auto)	
	Gênero Lírico	Poemas de forma fixa
Poemas de forma livre		

Tabela 1 – Gêneros Literários segundo Afrânio Coutinho (1987, p.742)

Alguns livros de teoria literária trazem apenas os gêneros de interpretação indireta, ou seja, aqueles que “veiculam a interpretação através de artifícios intermediários entre autor ou público” (COUTINHO, 1987, p. 742). Desta forma, podemos perceber que logo aí se dá menos importância à crônica, que, quando é abordada em manuais de estudos literários, aparece de forma isolada, num capítulo a parte por não ser considerada um “gênero nobre” como o conto, a novela e o romance (SÁ, 1985, p. 13). Angélica Soares (1999), deixa para discutir a crônica no tópico *Duas formas especiais*, no qual discorre muito brevemente a respeito juntamente com o ensaio.

Tal como a crônica, o ensaio se coloca como forma fronteira, sendo improdutivo, do ponto de vista teórico-crítico, querer marcar os seus limites. Assim ele é também muito especial e, por isso optamos por não o situar, mesmo que predominantemente, dentro do lírico, narrativo ou dramático. (SOARES, 1999, p. 65).

Afrânio Coutinho, assim como Angélica Soares, classifica a crônica no grupo dos Gêneros Ensaísticos, juntamente com: ensaio, oratória, cartas, memórias, diários e máximas.

De acordo com a concepção da literatura e a classificação dos gêneros literários adotada neste livro, há um grupo de formas literárias que resultam de uma explanação direta dos pontos de vista do autor, dirigindo-se em seu próprio nome ao leitor ou ouvinte, sem qualquer artifício intermediário. O autor dirige-se ao leitor ou ouvinte valendo-se do método direto, ao invés do indireto que usou nos demais gêneros (ficção, drama, lirismo). Estes tipos que resultam dessa operação podem ser: o ensaio, a crônica, o discurso e o sermão, a carta, as memórias, o diário, as máximas. São gêneros ensaísticos ou discursivos. (COUTINHO, 1987, p. 86 e 87).

Como observa Fernanda Cristina Abrão (2005, p. 21), a crônica no Brasil, como conhecemos atualmente surgiu da fusão entre o estilo do ensaio e o espaço do folhetim. Segundo a autora, enquanto o ensaio oferece a noção de tentativa (*essay*) de expressão própria do autor, sem se prender ao rigor acadêmico, o que acarreta um tratamento mais informal dos assuntos abordados no texto; o folhetim “absorve a dimensão ficcional dos eventos e temas descritos por essa forma literária”.

Existem alguns marcos na história da crônica brasileira que marcaram sua evolução desde sua entrada na imprensa. Segundo Abrão (2005, p. 22), o precursor do gênero no Brasil teria sido Francisco Otaviano de Almeida Rosa, no *Jornal do Comércio* em 2 de dezembro de 1852. Foi seguido por José de Alencar, Manuel Antônio de Almeida, Olavo Bilac, Raul Pompeia, João do Rio, entre outros. Foi quando começaram a diferenciar o folhetim semanal (crônica) do romance de folhetim, citado no capítulo 1.

Como cronista, José de Alencar escreveu no tempo em que o espaço da crônica ainda era aquele situado no rodapé da primeira página dos jornais, tendo como função primordial passar em revista os principais fatos da semana, além de se dedicar à publicação de capítulos de romances. Nesse espaço, geralmente utilizado aos domingos, cabiam informações mais diversificadas, resultando, por exemplo, na reunião, em um único texto, de apreciações sobre estreias de espetáculos teatrais, comentários sobre os bailes e as festividades religiosas mais concorridas críticas as especulações na bolsa, entre outros fatos que marcavam as semanas cariocas. (ABRÃO, 2005, p. 22).

A crítica feita por Abrão em relação a essa relação direta entre a crônica e a semana é que esta restringia a liberdade temática do autor, de forma que a crônica-folhetim se tornava muito mais noticiosa do que literária. Porém, em 1859, Machado de Assis publica a crônica *O folhetinista*, na qual discute o papel da crônica e do cronista através de um discurso metalinguístico, alertando que a influência dos folhetinistas franceses poderia “matar a originalidade do folhetim brasileiro”. Sendo assim, Machado de Assis buscava sempre se desvencilhar da obrigação de relatar os acontecimentos semanais. Após a contribuição de Machado de Assis para o surgimento da crônica brasileira moderna, seguido de vários outros escritores, o gênero começa a ganhar importância literária.

Ora, a partir daí é que o folhetim, tornado crônica, não só assume personalidade de gênero, cresce de importância literária, mas também reveste-se de cor nacional cada vez mais. Foi essa, aliás, talvez a sua principal característica, é dos gêneros que mais se abrigaram, no estilo na língua, nos assuntos, tomando proporções inéditas na literatura brasileira. [...] Na literatura brasileira, a crônica, a partir do romantismo, alcançou um desenvolvimento e uma categoria que fazem dela uma forma literária de requintado valor ético, um gênero específico e autônomo, a ponto de induzido Tristão de Athayde a criar o termo “cronismo” para a sua designação geral. É grande a importância que o gênero vem assumindo na literatura brasileira, de tal modo que se apresenta esse fato singular de um grande escritor como Rubem Braga que entra para a história literária exclusivamente como cronista. (COUTINHO, 1987, p. 792).

Como vimos, a crônica brasileira, mesmo como gênero literário, se desenvolveu e especializou em relação direta com o Jornalismo. No tópico seguinte, trataremos da crônica como gênero jornalístico, discutindo seu caráter híbrido e transitório entre a Literatura e a imprensa brasileira.

3.2. A crônica como formato jornalístico

Como vimos no capítulo 1, a partir da inserção dos espaços de folhetins nos jornais brasileiros, a imprensa se torna “divulgadora de textos literários” como afirma Abrão. Segundo a autora,

a partir do século XX, em Portugal e no Brasil, *crônica* e *cronista* passaram a ter acepção estritamente ligada ao jornalismo. *Crônica* indicava, pois, o relato e o comentário dos fatos do dia-a-dia, publicado em uma pequena seção dos jornais. Essa acepção estendeu-se, em seguida, para a definição da própria seção e do tipo de literatura que, posteriormente, ela passou a exhibir. (ABRÃO, 2005, p. 20).

Segundo Marques de Melo (2005, p. 139), “a crônica é um gênero jornalístico contemporâneo, cujas raízes se localizam na história e na literatura, constituindo suas primeiras expressões escritas”. Ele explica que a crônica passa da História e da Literatura para o Jornalismo quando o gênero começa a ser publicado pelos escritores nas colunas da imprensa diária e periódica relatando acontecimentos pessoais. Moisés (1967, p. 105) admite o caráter ambíguo do gênero ao afirmar que: “a crônica oscila, pois, entre a reportagem e a literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia”

Porém, existem autores que defendam que a crônica, apesar de publicada em jornal, não seja um gênero jornalístico. Em geral, esses autores trazem argumentos que defendem o não pertencimento da crônica ao Jornalismo, mostrando características que fogem às regras de linguagem e formatos tradicionais do impresso. Andréa Guaraciaba (1992, p.86), por exemplo, classifica a crônica como gênero literário “jornalístico”, usa as aspas justamente para deixar clara sua visão contrária, e declara que

Gênero jornalístico é comentário, um gênero nobre. Isto é, [a crônica] não existe como gênero jornalístico, embora lide com informações jornalísticas (as da atualidade, do noticiário, o *fait divers*), embora apenas se realize numa edição diária e efêmera como o jornal, embora sua linguagem (coloquial) seja jornalística. Mesmo assim, não é um gênero jornalístico. Não participa do ambiente do jornal; escapa ao processo de produção jornalística convencional; independe da formação profissional técnica; não obedece determinações de tempo e de espaço típicas; foge às regras de interesse informativo convencionalmente estabelecido para o jornalismo. Enfim, é

jornalística apenas como oposição ao que hoje chamamos de jornalismo. (GUARACIABA, 1992, p.86).

A maioria desses argumentos se devem ao fato das crônicas de jornais serem, em grande parte, produzida por escritores tidos como colaboradores, ou seja, aqueles que são convidados a prestar serviços à empresa, contratados para a produção de um certo número de textos periódicos e recebem uma quantia simbólica pela publicação, além dos direitos autorais sobre a obra (GUARACIABA, 1992, p.87). Desta forma, para Guaraciaba, a crônica seria um dos “lados críticos” do jornalismo, dando a ela um caráter libertário, inovador e humanizado que foge aos padrões rígidos das notícias.

Essa ideia, porém é contraditória ao pensamento de Jorge de Sá, que propõe que, sendo a crônica um registro circunstancial, necessita ser escrita por um narrador-repórter, pois seu público são leitores de um jornal com uma linha editorial a ser cumprida.

Sendo a crônica uma soma de jornalismo e literatura (daí a imagem do *narrador-repórter*), dirige-se a uma classe que tem preferência pelo jornal em que ela é publicada (só depois é que irá ou não integrar uma coletânea, geralmente organizada pelo próprio cronista), o que significa uma espécie de censura ou, pelo menos, de limitação: a ideologia do veículo corresponde ao interesse dos seus consumidores, direcionados pelos proprietários do periódico e/ou pelos editores-chefes de redação. Ocorre ainda o limite de espaço, uma vez que a página comporta várias matérias, o que impõe a cada uma delas um número restrito de laudas, obrigando o redator a explorar da maneira mais econômica possível o espaço de que dispõe. É dessa economia que nasce sua riqueza estrutural. (SÁ, 1985, p. 8 e 9)

Giovana Chiquim (2013) concorda com Guaraciaba ao afirmar que mesmo publicada em jornais e revistas, a crônica foge das convenções do jornalismo tradicional propostas por Otto Groth nas quais jornalismo deve conter quatro características-chaves que são a periodicidade, difusão, atualidade e universalidade. Em *Páginas Ampliadas* (2004), Edvaldo Pereira Lima apresenta uma explicação para essas características:

Otto Groth, o teórico alemão que muito contribuiu para o avanço dos estudos científicos do jornalismo, aponta para características fundamentais nos periódicos [...]: a *atualidade* – o fato que apresenta uma relação com o momento presente; a *periodicidade* – a repetição regular no tempo das diferentes edições de um periódico; a *universalidade* – a abordagem dos mais diferentes campos do conhecimento humano que os periódicos realizam com potencial teórico, pelo menos, para abranger todo o leque de conhecimentos possíveis para a humanidade; e a *difusão coletiva* – a circulação dos periódicos por diversificadas camadas sociais, distribuídas geográfica, cultural e economicamente de modo heterogêneo (LIMA, 2004, P. 12).

Porém, Lima faz uma crítica em relação a essas características apresentadas por Groth: apesar dessa teoria ter sido escrita ao final da década de 1940, quando o livro-reportagem já

existia nos Estados Unidos, na Europa e até mesmo no Brasil⁵. Mesmo assim, teórico alemão não faz referência ao formato Livro-reportagem em suas pesquisas, nem mesmo parece considerar outras formas de jornalismo que não o clássico jornalismo informativo.

Segundo Chiquim, a linguagem adotada na crônica é “lúdica para falar dos assuntos do dia a dia e torna-se um modo específico de apreender e exprimir certos valores e ideias, como se ela fosse o único formato de texto capaz de abordá-los dentro da imprensa” (CHIQUIM, 2013, p. 28). Outro apontamento é sobre a relação direta da crônica com a notícia, que muitas vezes, também servem de pano de fundo para a tessitura de uma crônica, mas não são apenas os fatos grandiosos que interessam ao narrador do cotidiano. Isso de fato se observa, pois muito dificilmente a crônica trará uma informação inédita. Seu papel no jornal é opinar e os colunistas colaboradores geralmente o fazem em cima de acontecimentos recentes muitas vezes publicados em edições anteriores do próprio jornal.

Jorge de Sá e Marques de Melo defendem a crônica como gênero jornalístico pelo fato de nascer primeiramente no jornal. Ao retratar esse gênero, Sá aborda a questão de seu caráter efêmero que a crônica adota ao acompanhar o veículo de consumo diário.

A crônica também assume essa transitoriedade, dirigindo-se inicialmente a leitores apressados que leem nos pequenos intervalos da luta diária, no transporte, ou no raro momento de trégua que a televisão lhes permite. Sua elaboração também se prende a essa urgência: o cronista dispõe de pouco tempo para datilografar seu texto, criando-o, muitas vezes, na sala esfumada de uma redação. (SÁ, 1985, p. 10).

Chiquim aborda essa produção de forma apressada relatando que os cronistas são obrigados a realizar uma “literatura sob pressão” (CHIQUIM, 2013, p 33). Ela reforça Moacyr Scliar ao ver o cronista na tarefa e obrigação diária de opinar sobre alguma coisa, mesmo se lhe faltar inspiração para isso.

Nesse ofício de opinar sobre tudo e sobre todos, o cronista passa a ser um observador escondido na redação do jornal, um escravo do teclado e do tempo. O escritor mostra que o trabalho intelectual dos escritores, que exige alto grau de concentração, possui um efeito colateral: eles passam muito tempo se dedicando a “criar” e têm poucos momentos para fruir a vida. (CHIQUIM, 2013, p 33).

Marques de Melo (2003) traz uma definição de gêneros jornalísticos como “formas do jornalista se expressar”, além de a crônica estar presente em classificações europeias, norte-americanas, hispano-americanas e luso-brasileiras de autores como Foillet, Dovifat, Domenico de Gregório, Martín Vivaldi, Gargurevich, Castelli, Rivadeneira prada e Julio Cabello. Segundo o autor, na bibliografia sobre a crônica brasileira encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma

⁵ a coletânea de crônicas enviadas por Euclides da Cunha ao jornal *Estado de São Paulo* retratando a Guerra de Canudos deu origem ao livro *Os Sertões*, publicado em 1902.

como base a tipologia literária; Massaud Moises procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura da narrativa (MARQUES DE MELO, 2003, p. 157). Porém, por mais que haja diversas classificações, nem sempre as crônicas conseguem se adequar em um único grupo, uma vez que pode haver assuntos ou aspectos mesclados que dificultam essa divisão.

É evidente que essa classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais na realidade se encontram fundindo traços de uns e outros. De qualquer modo, como salientou Eduardo Portela, o fundamental na crônica é a separação de sua base jornalística e urbana em busca de transcendência, seja construindo “uma vida além da notícia”, seja enriquecendo a notícia “com elementos de tipo psicológico, metafísico” ou com o *humour*, seja fazendo “o subjetivismo do artista”, “o seu universo inteiro”, sobrepor-se “à preocupação objetiva do cronista”. (COUTINHO, 1987, p. 794).

Criamos a categoria outras na qual enquadraram-se as crônicas que causaram dúvidas ou não se encaixavam em nenhum dos grupos propostos pelos autores citados. No capítulo seguinte, apresentamos a história da *Folha de S. Paulo*.

CAPÍTULO 4 – HISTÓRIA DE UM JORNAL

Como vimos nos capítulos anteriores, existe uma grande quantidade de veículos impressos que abrem espaço para a publicação de crônicas. Sendo assim, por que a escolha justamente da *Folha de S. Paulo*? Em parte se deve ao fato de ser onde Carlos Heitor Cony, cuja obra é objeto de análise desta pesquisa, escreve há mais de 20 anos, mas também pela empresa jornalística já ter mais de 90 anos de tradição.

Em 19 de fevereiro de 1921, surgiu a *Folha*. Fundada por um grupo de jornalistas liderados por Olival Costa e Pedro Cunha, inicialmente com o nome de *Folha da Noite*. O principal objetivo do grupo era, segundo o *Manual de Redação da Folha de S. Paulo*, atrair leitores das classes médias urbanas e das classes operárias. O jornal teria vindo para concorrer com o então principal jornal da cidade, o *Estado de S. Paulo*, que se destinava principalmente às elites rurais e assumia uma posição mais conservadora, tradicional e rígida. Com o sucesso da versão vespertina, o grupo decidiu lançar um segundo jornal matutino, em julho de 1925, intitulado *Folha da Manhã*.

Porém a linha editorial sofreu algumas modificações quando os títulos foram comprados por Octávio Alves de Lima, Diógenes de Lemos e Guilherme Almeida em 1931. O jornal que anteriormente era voltado para os trabalhadores, agora defendia os interesses dos produtores rurais paulistas, por causa da alteração na razão social da organização que editava os jornais para a Empresa Folha da Manhã Ltda.

Novamente segundo o Manual (2001, p. 106), “essa fase durou até 1945, quando o controle acionário da empresa passou para o jornalista José Nabantino Ramos, que mudou sua razão social para a que se mantém atualmente”. Em 1949, Ramos fundou a terceira versão do jornal, a *Folha da Tarde*. Os três jornais foram fundidos em 1960 em um único título, a atual *Folha de S. Paulo*, cuja linha editorial tinha afinidade com os interesses das classes médias urbanas do estado.

Por conta de dificuldades financeiras, a empresa passou a ser controlada pelos empresários Octavio Frias de Oliveira e Carlos Caldeira Filho em 1962. Durante os cinco anos que se seguiram, o principal objetivo de seus dirigentes foi reorganizar a empresa do ponto de vista financeiro e administrativo. Vencido o desafio, os empresários destinaram investimentos para melhorias e modernização da infraestrutura do jornal, adquirindo um eficiente sistema de distribuição, fotocomposição além de impressoras offset. Após a

reparação da infraestrutura, a redação do jornal também sofreu modificação a partir de 1974, investindo na abertura política do regime militar pelos dez anos seguintes.

Em 1984, o jornal assumiu a liderança da campanha *Diretas Já* entre os veículos de comunicação brasileiros e, dois anos depois, se tornou o jornal diário de maior circulação do país.

As ações pertencentes a Carlos Caldeira filho da Empresa Folha da Manhã S.A. passaram para Octavio Frias de Oliveira em 1991. Após sua morte em 2007, a presidência do Grupo Folha passou para seu filho Luiz Frias. O filho mais novo, Otavio Frias Filho assumiu como diretor editorial.

A Folha de S. Paulo afirma ser o maior jornal do Brasil, com a maior tiragem e circulação entre os diários nacionais de interesse geral. Segundo o site oficial, a circulação paga em outubro de 2012 distribuiu aos domingos 321.535 exemplares e, nos dias úteis, 297.927, dando uma média de 301.299 exemplares de segunda a domingo.

Tendo como visão o desejo de consolidar-se como o mais influente grupo de mídia do país e a missão

Produzir informação e análise jornalísticas com credibilidade, transparência, qualidade e agilidade, baseadas nos princípios editoriais do Grupo Folha (independência, espírito crítico, pluralismo e apartidarismo), por meio de um moderno e rentável conglomerado de empresas de comunicação, que contribua para o aprimoramento da democracia e para a conscientização da cidadania. (GRUPO FOLHA).

O Grupo Folha tem em 2014 como conselho editorial: Otavio Frias Filho (secretário), Celso Pinto, Antonio Manuel Teixeira Mendes, Luiz Frias, Rogério Cezar de Cerqueira Leite, Marcelo Coelho, Janio de Freitas, Clóvis Rossi e Carlos Heitor Cony, cuja parta da obra é base de nossa pesquisa.

No capítulo seguinte, faremos uma apresentação da biografia do autor, apresentando, também, um breve resumo e sua trajetória pelo jornalismo e participação na *Folha de S. Paulo*, veículo com o qual teve seu primeiro contato em 1963, retornou no ano de 1993 e lá permanece até os dias atuais.

CAPÍTULO 5 – CARLOS HEITOR CONY

Carlos Heitor Cony é natural da cidade do Rio de Janeiro, terceiro dos quatro filhos do também jornalista e funcionário público Ernesto Cony Filho e sua esposa, Julieta de Moraes, nascido em 14 de março de 1926. Com a revolução de 1930, seu pai perdeu o emprego no Rio de Janeiro e mudou-se com a família para Niterói. Até os cinco anos de idade, Cony era tido como mudo, pois nunca havia dito uma só palavra. Em seu site pessoal, o autor traz a seguinte declaração a este respeito:

O menino Carlos Heitor é mudo, recusa-se a falar entre outros motivos porque nada tem a dizer. Em Icaraí, praia que marca sua primeira infância, ele vê o aviador Melo Maluco pousar com um biplano vermelho na areia e leva um susto. Desse susto nascem suas primeiras palavras que a história felizmente não registrou. (CONY).

Cony foi educado em casa por um problema de dicção, tendo sido ensinado a ler e escrever pelo próprio pai. Aos 11 anos, logo após sua primeira comunhão, começa a frequentar o Seminário de São José, no Rio Comprido, onde surge a vontade de querer ser padre e, no dia 2 de março de 1938, Cony ingressa no mesmo Seminário, sendo premiado ao fim do mesmo ano com cem mil réis dado pelo cardeal Sebastião Leme aos melhores alunos de cada curso do Seminário. Estudou latim, história, português, grego, francês, italiano, apologética, geografia, música e matemática.

Em 1943, Cony termina o curso de humanidades e ingressa no curso de filosofia do Seminário Maior, onde estudou lógica maior e menor, ontologia, crítica, psicologia, cosmologia e ética. Saiu do Seminário no dia 8 de outubro de 1945, pouco antes de receber a tonsura que o levaria ao curso de Teologia. Suas experiências no seminário se fazem presentes em várias de suas crônicas, algumas inclusive analisadas neste estudo. Temas ligados a religiosidade, filosofia e busca pela verdade estão presentes em toda sua trajetória de crônicas no jornalismo. No dia 19 de janeiro de 2014, por exemplo, Cony publicou na *Folha de S. Paulo* uma crônica intitulada *Deus*, na qual aborda um antigo debate em um programa de TV, apresentado por Ary Barroso, para o qual foi convidado para debater com Austregésilo de Athayde a respeito da existência de Deus. Naquele momento, Cony se colocou na posição de descrente e, com esta crônica, vem relatar seu real posicionamento que pode ter sido o sentimento que o fez deixar o seminário, observado no seguinte trecho:

Posso hoje confessar: não fui sincero naquele programa. Não que realmente acredite em Deus, mas escamoteei meu verdadeiro pensamento. Não me interessa saber se Deus existe ou inexistente. O que importa é que Deus acabou pra mim. Tive Deus e gastei Deus demais. Fui um perdulário de Deus. Errei nos meus cálculos. Gastei demasiadamente um capital inesgotável. Ora, cada um de nos tem uma determinada

quota de Deus. Meu capital não era tão grande como pensava, e gastei muito depressa. (Anexo A)

Já sem o problema de dicção, desde uma operação realizada em 1941, e logo após deixar o seminário, Cony ingressa na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 1946, porém não chega a se graduar. Deixa a faculdade quando surge a oportunidade de colaborar com seu pai no *Jornal do Brasil*. No ano seguinte, adquire sua primeira carteira de jornalista como redator da *Gazeta de Notícias*, cobrindo a reabertura da Câmara do Distrito Federal, onde conheceu os vereadores eleitos para aquela primeira legislatura.

Casou-se pela primeira vez aos 23 anos, em 1949, com Maria Zélia Machado Velho, com quem teve duas filhas: Regina Celi e Maria Verônica, e tornou a se casar mais cinco vezes ao se separar de Maria Zélia em 1960.

Em 1952, se registrou no Ministério do Trabalho como redator da rádio Jornal do Brasil, tendo como colega Reynaldo Jardim. Em 1955 escreve seu primeiro romance premiado de nome *O Ventre*. Tanto *O Ventre*, quanto seu segundo romance, *A Verdade de Cada Dia*, foram considerados os melhores romances do *Prêmio Manuel Antônio de Almeida*, nos anos de 1956 e 1957 nesta ordem. Porém, ao primeiro foi negado o prêmio em dinheiro no valor de 50 mil cruzeiros, devido ao “caráter negativista e à linguagem rude de seu trabalho”.

Em 1961, ingressou no *Correio da Manhã*. No ano seguinte, após realizar a cobertura da crise Argentina em Buenos Aires e deposição de Frondizi, começa a escrever crônicas no segundo caderno, sob o título *Da Arte de Falar Mal*. Já em 1963, Começa a colaborar na *Folha de S. Paulo*, inicialmente revezando-se dia sim dia não com Cecília Meireles na página de opinião, na época, página 4 do primeiro caderno. Com o passar dos meses, novos cronistas ingressaram na coluna, como Ruth Guimarães, Helena Silveira, P. C. Vasconcelos Jr., entre outros, e sua participação foi se tornando menor, até que para de escrever no início de 1965, provavelmente a mesma época em que pede demissão do *Correio da Manhã*, após escrever uma crônica atacando o Ato Institucional nº. 2, o que gerou um atrito entre a direção do jornal e a redação. Na crônica do dia 16 de fevereiro de 2003, Cony explica o motivo desta demissão:

E não fiquei calado até que me calassem à força, quando o ministro da Guerra, mais tarde presidente da República, me processou pela Lei de Segurança Nacional e tive que pedir demissão para não prejudicar o jornal em que trabalhava. O que não adiantou: pouco depois o matutino seria obrigado a fechar por falta de condições para combater o regime militar. (Anexo A).

Sofreu perseguições durante o período de ditadura, quando foi três vezes nos anos de 1965, 1969 e 1970. A perseguição que o regime militar exercia sobre Cony também é percebida ao longo de sua trajetória e até hoje se faz presente em suas crônicas. Em especial, neste ano de 2014, que se completa 50 desde o golpe militar de 1964. Cony dedicou quase todo o mês de março a escrever crônicas que tratassem do assunto. Segundo Felipe Pena (2006, p. 123), “nas décadas de 1960 e 1970, Cony foi perseguido pelo regime militar, mas não parou de escrever. Alguns de seus livros mais importantes foram escritos durante a ditadura, como *pessach: a travessia* (1967) e *Pilatos* (1973)”.

A participação de Cony na Literatura Brasileira até hoje inclui dezessete romances, sete livros de crônicas, seis ensaios biográficos, três livros-reportagem, dois cine-romances, quatro livros de contos, seis infantis, nove com outros autores, nove em parceria, quatro traduções, uma autobiografia e, nada menos que trinta e uma adaptações de grandes obras da literatura mundial.

Sua obra literária é marcada pela profissão que escolheu. O livro *Quase memória* é em exemplo disso. Nele, o escritor mistura relatos verdadeiros passados em ambientes reais, com a “ficcionalização”. A realidade é reconstruída a partir do jornalista, mas ele não se prende aos limites do compromisso com a verdade, daí o título “quase memória”, pois a maior parte do enredo escapa dela. (PENA, 2006, p. 115).

Nos últimos anos da década de 60, a convite de Adolpho Bloch, Carlos Heitor Cony passou a trabalhar nas revistas do Grupo Manchete, para a qual colaborou por mais de 30 anos. Regressou à Folha de S. Paulo no dia 14 de março de 1993, escrevendo as terças-feiras e domingos na segunda página do primeiro caderno e às sextas-feiras no caderno Ilustrada. Atualmente, é colunista e membro do conselho editorial do jornal no qual escreve crônicas há mais de vinte anos consecutivos.

Em 2000, foi eleito para a cadeira de número 3 da Academia Brasileira de Letras, sucedendo Herberto Sales, com 25 dos 37 votos possíveis, tomando posse em 31 de maio do mesmo ano. No seu discurso de posse Cony resgata toda a história da cadeira três a qual agora ocupa. Abaixo um trecho retirado de seu discurso:

Fui educado em seminário, com mestres que não esqueço e dos quais guardo não apenas saudade, mas amizade e memória. Embora nunca tivesse me candidatado a esta Academia, sempre tive com os acadêmicos uma relação especial. Herdei de Otto Lara Resende a coluna diária na Folha de S. Paulo. De Austregésilo de Athayde herdei aquele espaço que durante tantos anos ele enobreceu no Jornal do Commercio. E nesta noite, cercado de parentes e amigos que tanto prezo, sucedo a Herberto Sales na Cadeira no 3. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS)

Autores que analisaram a obra de Carlos Heitor Cony e fazem alguns apontamentos em relação ao seu estilo de escrita e modo de pensar. Massaud Moisés (1967), por exemplo,

ao afirmar que não existem duas crônicas ou cronistas idênticos pois “a crônica reflete a variação emocional do cronista” e classifica Cony como um cronista grave:

Carlos Heitor Cony (o Ato e o Fato, 1964; Da Arte de Falar Mal, 1964), exemplifica, na gravidade tragicamente crispada de sua cosmovisão, o cronista que se derrama nos textos como se purgasse uma tristeza de raiz presente ainda quando o *tônus* se inclina para o irônico ou o poético. (MOISÉS, 1967, p. 111).

Jorge de Sá analisou as crônicas de Cony presentes no livro *Quinze Anos (a juventude como ela é)* destacando nela seu caráter lírico e concluindo que:

Seja na primeira ou terceira pessoa, fale de suas filhas ou de personagens ficcionais, Carlos Heitor Cony aproveita a leveza da crônica para buscar a leveza do espírito, na imagem do amor eternamente retornando ao homem e lhe devolvendo o sentido pleno da humanidade. (SÁ, 1985, p. 64).

A respeito de suas crônicas jornalísticas, o caráter político se destaca, tendo sido considerado por Silva Junior (2010, p. 7) o cronista responsável por “entregar”, à crônica, o árduo ofício da “resistência” política. Ao analisar sua primeira crônica pós-golpe militar, o autor afirma que

Carlos Heitor Cony, portanto, revela, em sua primeira crônica a respeito do anuviado regime que então se instala no país, a partir do Rio de Janeiro, um estado de espírito prioritariamente crítico e cético, além de vasta capacidade técnica – que o diga o uso integrado de recursos jornalísticos e literários – para, da linguagem amoral às corajosas pautas de discussão, interpretar as nuances políticas, econômicas e sociais daquele intrincado país do pós-golpe. (SILVA JUNIOR, 2010, p.9)

No capítulo seguinte, faremos a análise dos últimos vinte anos de sua participação na *Folha de S. Paulo*.

CAPÍTULO 6 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a execução deste projeto seguimos o percurso metodológico constituído pelas etapas:

- 1- Pesquisa bibliográfica e revisão de literatura;
- 2- Seleção e contextualização do *corpus*;
- 3- Análise de Conteúdo.

Antes de tudo, deveremos realizar um trabalho de revisão de referencial teórico que embase a primeira parte da pesquisa, levantando dados e conceitos acerca de Literatura, Jornalismo e crônica. Aqui entram reflexões de autores tanto do Jornalismo, quando da Literatura. Com isso buscamos contextualizar as crônicas de Carlos Heitor Cony dentro do universo do Jornalismo.

Assim passamos para a segunda etapa: a seleção e contextualização do *corpus*. Essa etapa foi adiantada durante a preparação do projeto para que facilitasse a compreensão do objeto. O autor publica crônicas na *Folha de S. Paulo* às terças-feiras e domingos na segunda página do primeiro caderno (editoria de opinião) e na *Folha Ilustrada* às sextas-feiras. Sendo assim, optamos pela metodologia da *amostragem por quotas*, que segundo Laville e Dionne (1999, p.170), é usada para se “obter uma representação, a mais fiel possível, da população estudada”. Assim, coletamos as crônicas de um domingo por mês deste período de 20 anos, totalizando um *corpus* de 232 crônicas, já que em alguns meses o autor deixa de publicar por motivo de férias, por exemplo.

Por fim, após selecionar uma amostra significativa das crônicas realizaremos um trabalho de Análise do Conteúdo nessa seleção. Escolhemos a metodologia por se tratar de uma análise quantitativa que visa destacar características jornalísticas e literárias na obra de Cony. Fonseca Júnior (2009, p. 280-281), afirma que a “Análise de Conteúdo (AC), em concepção ampla, se refere a um método das ciências humanas e sociais destinado a investigação de fenômenos simbólicos por meio de várias técnicas de pesquisa.” O autor explica que a técnica teria sido utilizada pela primeira vez no século XVIII pela corte suíça que se propôs a analisar minuciosamente uma coleção de 90 hinos religiosos, afim de descobrir se tinham ideias perniciosas, porém não encontraram nenhuma prova de heresia. Porém, a técnica só se popularizou no início do século XX sendo aplicadas em várias áreas: ciências políticas, psicologia, crítica literária, sociologia e também nas comunicações.

Segundo Bardin (1977, p. 31), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações”. Para aplicar o método, a autora propões que sigamos cinco etapas:

a) a *organização da análise*, período de sistematização das ideias iniciais para a condução da análise; b) a *codificação*, fase de tratamento do material na qual se “permite atingir uma representação do conteúdo, ou as sua expressão susceptível de esclarecer o analista acerca das características do texto que podem servir de índice” (BARDIN, 1977, p. 103); c) a *categorização*, “é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos” (BARDIN, 1977, p. 117); d) a *inferência* onde se faz a articulação entre a superfície do texto e os fatores que determinam suas características (FONSECA JÚNIOR, 2009, p. 299); e por fim o *tratamento informático*, onde se realiza a quantificação estatística e apresentamos os resultados.

Para a elaboração de classificações, pesquisamos autores que dedicam-se a estudar a crônica brasileira, destacam quatro se propuseram a criar classificações: Afrânio Coutinho, Massaud Moisés, Luiz Beltrão e Antônio Candido. Segundo Marques de Melo (2003).

Na bibliografia brasileira sobre a crônica encontramos quatro tentativas de classificação: Luiz Beltrão usa um critério jornalístico; Afrânio Coutinho toma como base a tipologia literária; Massaud Moisés procura uma correspondência com os gêneros literários; Antônio Cândido orienta-se pela estrutura narrativa. (MARQUES DE MELO, 2003, p. 157).

Massaud Moisés (1967) afirma que a crônica literária se apresenta principalmente em duas formas: aquelas que se assemelham da poesia e as que se fazem próximas ao conto. O autor também considera a possibilidade do gênero se aproximar do ensaio. Porém, como considera que a crônica como jornalística perde o sentido assim que o tempo passa e se afasta do contexto, Moisés classifica as crônicas literárias entre *crônica-poema* (pode apresentar versos ou encerrar em uma estrofe); e *crônica-conto* na qual o cronista narra um acontecimento em forma de conto.

Segundo Marques de Melo (2003, p. 157-159), Luiz Beltrão classifica as crônicas de acordo com os temas que ela aborda. Desta forma de dividem em: *crônica geral*, aborda temas variados e ocupa mesmo espaço no jornal; *crônica local*, capta tendências da opinião pública da região onde circula sua publicação; *crônica especializada*, onde se encontram aquelas que tratam de determinado campo de atividade; *crônica analítica*, na qual o cronista discute os temas com mais argumentos racionais que sentimentais; *crônica sentimental*, que faz o oposto da analítica; e, por fim, a *crônica satírico humorística* que se propõe basicamente a criticar, ridicularizar ou ironizar os fatos, ações ou personagens. Já Antônio Cândido somente distingue a estética da crônica: *crônica-dialogo* se desenvolve em cima de uma conversa, geralmente usa-se travessões; *crônica-narrativa* que apresenta estrutura de conto;

crônica exposição poética que faz uma divagação livre sobre um fato ou personagem; e a *crônica biografia-lírica*, que narra poeticamente a vida de alguém.

Após estudar cada uma dessas classificações decidimos que a classificação que melhor se ajustaria ao nosso caso seria a de Afrânio Coutinho, pois apesar de se basear na tipologia literária e não num critério jornalístico, defende a participação do Jornalismo na criação do estilo único da crônica brasileira. Sua classificação também nos permite avaliar tanto a estética do texto como o tema tratado, uma vez que umas abordam reflexões e subjetividades e outras fazer comentários de fatos reais, o que nos permitiu separar as crônicas que seriam literárias das jornalísticas. A classificação se apresenta a seguir (COUTINHO, 1968, p. 120):

- a) A *crônica narrativa*, cujo eixo é uma estória ou episódio, o que a aproxima do conto, sobretudo entre os contemporâneos quando o conto se dissolveu perdendo as tradicionais características do começo meio e fim.
- b) A *crônica metafísica*, constituída de reflexões de cunho mais ou menos filosófico ou meditações sobre acontecimentos ou sobre os homens.
- c) A *crônica poema-em-prosa*, de conteúdo lírico, mero extravasamento da alma do artista ante o espetáculo da vida, das paisagens ou episódios para ele carregados de significado.
- d) A *crônica-comentário* dos acontecimentos, que tem, no dizer de Eugênio Gomes, “o aspecto de um bazar asiático”, acumulando muita coisa diferente ou dispar.
- e) A *crônica-informação*, mais próxima do sentido etimológico, é a que divulga fatos tecendo sobre eles comentários ligeiros. Aproxima-se do tipo anterior, porém é menos pessoal.

Durante esse estudo, procuramos classificar as crônicas de Cony selecionadas para o *corpus* dentro das categorias de Afrânio Coutinho, porém como o próprio autor evidencia, é comum que essas categorias se misturem ou até mesmo a crônica fuja a todas as regras, sendo assim, procuramos classificar de acordo com aquele aspecto que se mostrava mais presente em cada crônica, caso não enquadrasse em nenhum grupo, classificamos como *outras*.

Evidentemente, essa tentativa de classificação não implica o reconhecimento de uma separação estanque entre os vários tipos, os quais na realidade, se encontram frequentemente fugindo traços de uns e outros. Há mesmo, entre os cronistas, os ecléticos, que se deliciam a borboletear em torno de diversos assuntos ou temas ou motivos, não se deixando jamais prender a nenhum deles permanentemente. É mesmo da própria natureza da crônica a flexibilidade, a mobilidade, a irregularidade. (COUTINHO, 1968, p. 120 e 121)

Tomando como base a explicação que Coutinho deu para cada categoria, separamos essas cinco categorias e dois subgrupos. As crônicas que se enquadrarem nas três primeiras

serão classificadas como literárias, por estarem diretamente ligadas com a literatura (narrativa, metafísica e poema-em-prosa), já as que se adequam às demais serão colocadas como jornalísticas, por tratarem de comentário e informação.

Coutinho admite a dificuldade de se realizar essa classificação com eficácia na prática, pois os autores podem mesclar características e até mesmo uma única crônica pode ter traços de uma ou outra classificação. Assim, olharemos o conteúdo completo e selecionaremos aquele que tem maior peso, se destaca ou está presente em maior parte do texto.

Ao final desta classificação, teremos uma amostra considerável da obra de Cony durante toda sua trajetória na *Folha de S. Paulo*, além de a possibilidade de analisar se suas crônicas não majoritariamente literárias ou jornalísticas.

CAPÍTULO 7 – ANÁLISE DAS CRÔNICAS

Carlos Heitor Cony entrou para a *Folha de S. Paulo* no dia 14 de março de 1993, substituindo o então colunista Otto Lara Resende, antigo responsável pela coluna do Rio de Janeiro. Sua primeira crônica foi publicada num domingo e por isso, coincidentemente, fez parte de nosso *corpus*. Nela, Cony faz um breve comentário a respeito dessa substituição de cronistas:

De hora em hora Deus piora: o Otto Lara Resende se foi e aqui estou eu, neste canto da **Folha**, não para substituí-lo, mas para exercer aquela função que o ministro Eliseu Resende esboçou essa semana como plano econômico nacional: tapar buraco. Reconheço que a tarefa não é fácil para ele, cuja especialidade não é tapar, mas fazer buracos. Já o cronista de jornal, segundo imagem bastante soada, é como cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, olha o horizonte e vai. (Anexo A).

Alguns autores abordam a obra de Cony pelo seu lirismo e mistura de ficção e realidade, talvez mais presente no livro *Quinze Anos (A juventude com ela é)*, onde, segundo Jorge de Sá (1985, p. 57) Cony fez de sua própria família o núcleo de seus textos, sem limitar-se ao intimismo.

Em suas crônicas de jornal podemos perceber a presença de seus familiares. Não são poucas as referências ao pai, ex-jornalista, à mãe, à uma prima que se perdeu. Destinou uma crônica a sua cachorrinha Mila que teria morrido em seus braços, que segundo Cony, “até o último momento, olhou para mim, me escolhendo e me aceitando” (Anexo A).

Para ilustrar nossa análise, primeiramente selecionamos trechos exemplificar as classificações de Coutinho: crônica narrativa, crônica metafísica, crônica poema-em-prosa, crônica comentário e crônica informação. Como abordado no capítulo de procedimentos metodológicos, que as três primeiras são pertencentes ao grupo de crônicas literárias e as demais às crônicas jornalísticas. Ao final desta análise, apresentaremos graficamente os resultados.

9.1) Crônicas Narrativas

Segundo Coutinho, a crônica narrativa é aquela que traz uma estória ou episódio. A primeira crônica que apresenta essa característica na amostragem é *A Voz dos Botequins*, publicada em 6 de junho de 1993 (Anexo A). Essa crônica foi escrita com estrutura de conto, possui começo, meio e fim, além de diálogos com travessões e personagens, sendo que o próprio autor é um deles. Isso é observado pela escrita em primeira pessoa e pela forma com que Cony narra a sua curiosidade pela conversa sobre a mulher do então presidente, Fernando

Collor, entre dois sujeitos no botequim: “Fui para a calçada, abri o maço, puxei um cigarro e como quem não quer nada, olhei o sujeito” (Anexo A).

Essa estrutura de conto se repete em outras crônicas do período analisado, as vezes mais atual como a citada anteriormente, outras vezes traz metáforas criando relatos fictícios para argumentar fatos reais, como é o caso da crônica *Preboste, nunca mais!* de 1 de agosto de 1993, na qual Cony faz uma brincadeira entre os políticos de hoje e os reis de contos medievais: “Os cronistas da época ficaram preocupados com o rumo dos acontecimentos, mas esperaram a próxima coletiva do ministro Fernando Henrique Cardoso para entender o que está se passando no reino” (Anexo A).

As crônicas narrativas de Cony em geral fazem parte destes dois grandes grupos: ou se relacionam a acontecimentos de sua vida, ou a um fato que tenha sido divulgado recentemente pela mídia, narrados de forma que se aproximem de uma fábula, parábola ou conto.

O menino e a Rede, de 5 de setembro de 1993, também apresenta estrutura de conto, porém de forma mais atual. Além disso, ao invés de tratar de um tema político, narra um acontecimento da vida do próprio cronista como podemos observar no trecho a seguir: “Justo na hora apareceu na varanda o filho da empregada que passava o sábado com a mãe: um menino gordinho, de olhos redondos e dentinhos brancos e espaçados” (Anexo A). Aqui temos traços de narração e uso da descrição para criar a imagem da personagem na mente do leitor.

Como estrutura de fábula, podemos analisar a crônica *Novidades*, publicada em 4 de setembro de 1994. A principal característica da fábula é dar características humanas a animais ou objetos, como poder de fala e consciência. No caso, o *Novidades* não é simplesmente um fato desconhecido prestes a ser revelado, mas um personagem. Logo no primeiro parágrafo, surge o ar de fábula ao escrever: “Era um tempo em que os animais falavam – não tão distante assim, pois ainda há animais que continuam falando” (Anexo A).

As crônicas que fazem referência a vida do próprio autor são: *O menino e a Rede*, *A bala perdida*, *O boêmio e o mártir*, *Selva Literária*, *Mágicos*, *Pergunta sem resposta*, *Crime passionai*, *Eu sou a porta*, *Assim seja!*, *Eis a questão*, *A Esquina dos Regatas*, *Congonhas*, *Perdas de guerra*, *Paris vale uma missa*, *A ostra e a pérola*, *A vergonha da família*, *A grande festa*, *Marinheiro do rio Arruda*, *A grande pergunta*, *Outros tempos*, *O Lago do Como*”, *Carnavais do Tarlis*, *Fantástico*, *Tempo em três tempos* e *Memórias do exílio*.

As que tratam de temas sociais, políticos, religiosos ou culturais, além de fatos cotidianos alheios à vida pessoal do cronista, mas que Cony transforma em fábula, parábola,

conto ou anedota são: *Novidades, Confraternização cultural, Nós que nos amávamos tanto, Drama de Consciência, Notícias do Palácio, A santa do dia, Até a próxima, Lua de são Jorge, A onde vamos parar, Tudo tem seu tempo, Pela parte de cima, A casa mal-assombrada, "Patearan el Mariscal", Até a tomada do poder, Algodão em Melbourne e O sobrevivente.*

Quando a crônica se apresenta inteiramente com essa estrutura de narração de um episódio como as citadas acima, é fácil classificá-la como narrativa. Porém, algumas vezes a crônica traz um trecho de narração, mas também apresenta traços de outra categoria, como informação ou comentário, causando dúvida e dificultando a classificação, nesses casos levamos em consideração aquele que ocupa maior extensão no texto ou chama mais atenção durante a leitura. É o caso, por exemplo de *Anarquistas, graças a Deus* que inicia contando um acontecimento ocorrido no Canadá que poderia ser considerado informação, mas logo em seguida Cony muda de assunto para narrar o caso do anarquista Horácio, ou seja, a informação serviu apenas de gancho para a narração, nos possibilitando classificar a crônica como narrativa.

7.2) Crônicas poema-em-prosa

A segunda classificação de Coutinho é Crônica Poema-em-prosa, crônicas de conteúdo lírico, nas quais se percebe o extravasamento da alma do cronista. Esta aparece em menos quantidade em relação a anterior no *corpus* de análise. Muitas vezes se misturam com as crônicas narrativas, mas a prevalência do lirismo, da repetição de palavras, da sonoridade e descrição de sentimentos sobre a narração dos fatos nos ajuda na classificação deste grupo.

A primeira crônica poema-em-prosa analisada é *As mãos do homem*, publicada no dia 4 de julho de 1993 em homenagem ao pai falecido. Seu pai era um jornalista que, segundo Cony, só sabia pensar a lápis e não se adaptara às máquinas de escrever. É possível observar a repetição da palavra mãos que nos leva ao cenário da redação, nos dando a ideia de poesia, como podemos observar no trecho a seguir:

Mãos que começam a ficar brancas e mais quietas. Dentro delas, o nada. O nada cheio de tudo o que ele fora, o que ele quisera ser, o que ele soubera viver. Mãos que antes que se apagassem definitivamente, pareciam as mesmas: mãos de um homem. Mãos de meu pai. (Anexo A).

Hora de entender os sinais, do dia 24 de novembro de 1996, curiosamente, é uma das únicas crônicas que não aparecem com a chancela Rio de Janeiro, e sim a cidade de Natal,

capital do Rio Grande do Norte. A crônica aborda o marco que os portugueses colocaram ali na época do descobrimento, mas ao longo da crônica vai fazendo referência a uma série de personalidades e momentos da história do “descobrimento” das Américas criando uma bem humorada epopeia:

Curioso destino de ambos, o marco e seu fincador. Vespucio acabaria fazendo o que somente deuses gregos conseguiram: dar nome a um continente. Europa foi conquistada por Zeus, que tomou forma de touro – ele gostava de fazer essas coisas. Seria hoje um bom transformista de boate. Foi touro para possuir a Europa e chuva para possuir Danae. Mais modesto, Américo Vespucio não precisou ter tanto trabalho para dar nome a dois continentes. Tirou o pão da boca de Colombo, de Cabral, de Magalhães – que acabou batizando um mísero estreito. Salvou-se Vasco da Gama, que conseguiu dar nome a um time de futebol. (Anexo A)

Outra crônica que classificamos como poema-em-prosa foi *Festa da Primavera* publicada em 27 de setembro de 1998. Essa foi classificada como poema-em-prosa mais pela estética do texto do que pelo conteúdo. Cony escreve a crônica com muitos floreios, talvez para combinar com o tema primavera:

Nuvens de um cinza pastoso, dramático, escondem a serra da Tijuca e amortalam o corcovado. Refletem as águas da lagoa um céu opaco, sem profundidade. Nem chega a ser céu, é uma espécie de lona incolor e gasta que cobre o grande circo – onde todos nos esbofamos para que o espetáculo continue. (Anexo A)

As crônicas poemas-em-prosa aparecem em menor quantidade em relação às narrativas, além dessas, classificamos somente mais três: *Sonhos e Valsas*, *Mar Aberto*, *Toda Mulher*, *Pensamentos imundos*, *Grand circo brasileiro*, *A alternativa* e *A grande pergunta*.

7.3) Crônicas Metafísicas

As crônicas metafísicas são aquelas que, segundo Coutinho, apresentam caráter filosófico. Entre as crônicas de Cony, é o menor grupo, pois nenhuma delas é metafísica em toda a sua extensão. Porém, as reflexões filosóficas prevalecem sobre os demais traços em alguns casos o que nos possibilita levantar exemplos, principalmente aqueles relacionados à aspectos religiosos. O principal é a crônica de 31 de janeiro de 1999, intitulada *A criança e o velho*, onde Cony discute, a partir de uma reprise que o cronista assiste na televisão, a sabedoria da criança e do idoso, como podemos observar no trecho a seguir:

Um velho que constate a nudez do rei é um idiota. Ele vê a realidade e a aceita naturalmente, o rei está nu porque é direito do rei ficar nu. De maneira que um velho, quanto mais sábio for, menos se espantará com a nudez do rei. Já a criança, apontará a nudez do rei como um fato transcendental, uma metáfora do poder. (Anexo A).

A partir desse trecho, podemos entender como o cronista usa o espaço do jornal para filosofar assuntos que muitas vezes não se relacionam diretamente com nenhum acontecimento da atualidade e sim um aspecto da vida humana como as diferentes formas de sabedorias.

Cony também faz uso de passagens bíblicas ou analogias para refletir sobre a vida e a sociedade. Em *A sobrevivência na balsa* (Anexo A), de 21 de janeiro de 1996, o cronista reflete sobre o neoliberalismo comparando-o a uma balsa com 17 naufragos, dentre os quais haveria “forte e fracos, burros e inteligentes, chatos e interessantes”. Ele compara a balsa com a sociedade brasileira, e afirma que somente um pequeno grupo de indivíduos mais fortes sobreviveria, ao naufrágio que seria o sistema neoliberalista.

A última metafísica é *Podia ser pior*, de 21 de dezembro de 1997. Nessa crônica, Cony reflete ao longo de toda a crônica a possível origem da frase

[Lúcifer] Fez o que não havia feito antes: avaliou a situação em que se encontrava e proferiu a frase que se tornou histórica: “Podia ser pior”. Pra falar com honestidade, se eu estivesse no lugar dele não ficaria tão conformado. Acho que foi Santo Agostinho quem classificou o Demônio de otimista, porque tem a pretensão de fazer o homem pior do que já é. Otimista ou pessimista, Lúcifer não chorou sobre o leite derramado. Assumi os chifres, o rabo, as chamas eternas e os companheiros de infortúnio. (Anexo A)

Somente vamos compreender o gancho que a crônica faz com a atualidade no último parágrafo, quando Cony comenta sobre a gravidade da crise que a bolsa asiática sofreu naquele ano avaliada por um ministro não nomeado com a frase “podia ser pior”.

7.4) Crônicas Comentário

As crônicas comentário são aquelas que, como o nome já diz, analisam diversos assuntos. A primeira crônica que Cony publica na *Folha de S. Paulo* no dia 14 de março de 1993, cujo nome é *O presidente e o cigano* (Anexo A), citada na abertura deste capítulo já é um exemplo deste grupo, pois traça comentários em relação à política no Brasil, envolvendo ex-presidentes como general Figueiredo e Fernando Collor e o então presidente, Itamar Franco.

Porém, várias outras também seguem este perfil. Seja discutindo notícias do jornal, seja falando de religião, mas sem dúvida as mais frequentes são as que discutem sobre os políticos e suas ações no governo. Em geral, Cony apresenta dados divulgados por outros veículos, não para “falar mal”, mas para apontar erros e corrupções dos governantes, uma vez

que é papel do jornalista revelar a verdade. De todo modo, assim como as crônicas literárias (narrativa, poema-em-prosa e metafísica) se misturam, as jornalísticas (comentário e informativas) também. Isso causa dúvidas no momento da classificação. Por isso separamos as crônicas pelo modelo de opinião que transparece no texto. Se a opinião é transmitida na primeira pessoa, de forma direta, clara e pessoal, classificamos como comentário; se aparece nas entrelinhas ou na terceira pessoa de forma impessoal, representando a voz da sociedade, pertence ao grupo das crônicas informativas.

Na crônica *Referendo Inútil*, por exemplo, Cony comenta os motivos que levaram as pessoas a votar “sim” ou “não” no referendo que propunha o desarmamento no Brasil. Nela o cronista deixa clara sua posição em relação a discussão levantada:

Se fosse obrigado a votar neste referendo que me parece até imbecil, anularia meu voto, seria uma forma de não votar. Para acabar com a violência, a obrigação do Estado é investir organizadamente na segurança. Para diminuir os crimes avulsos, provocados por rixas domésticas, ciúmes, desentendimentos de trânsito, a educação e a consciência da cidadania seriam mais eficazes. (Anexo A).

Essa opinião clara e direta do autor se repete em várias outras crônicas. Em *Esse Sérgio Ricardo*, Cony comenta sobre o artista e afirma “Considero Sérgio Ricardo um dos artistas mais nobres e conscientes que o Brasil já produziu” (Anexo A). Em *Acordo de cavalheiros*, quando o autor fala de filho ilegítimos, também vemos seu posicionamento em relação ao tema: “Não vejo crime algum na produção de bastardos. É um acidente de trabalho. Mas não entendo por que alguns podem e outros não podem assumir integralmente seus atos e fatos” (Anexo A).

Apesar da linguagem e escolha de palavras carregadas de ironia pelas quais Cony opta, é sempre possível reconhecer que se trata da opinião do cronista. Ele coloca seu próprio ponto de vista em relação aos temas abordados. Já nas crônicas informativas que veremos a seguir, a opinião do autor não é mais o foco do texto.

7.5) Crônicas Informativas

As crônicas informativas, como vimos no tópico anterior se diferem das crônicas comentário por serem menos pessoais, se assemelham mais com a própria notícia em si, porém, ainda transmite uma opinião mais amena. Nelas é mais comum encontrar uma discussão a respeito de uma notícia que o cronista tomou conhecimento e resolveu discutir mais a fundo. Outra opção é lembrar fatos que aconteceram anteriormente e que não deveriam

ser esquecidos pela sociedade. Por exemplo, em *A mídia derrotada*, Cony relembra as CPIs instauradas durante o governo Lula:

Na realidade, Lula deitou e rolou para as CPIs que foram instauradas e em que foi acusado de cumplicidade com a corrupção. Na hora H, seu nome foi poupado dos relatórios finais, mas não da cobertura que a mídia lhe dedicou. E, se não deu bola para as CPIs, muito menos deu bola para editoriais, articulistas, cronistas, colunistas e todos os que ocuparam os vários veículos de informação do país e do exterior. (Anexo A).

Como pudemos observar, a forma de narrar é bem diferente da crônica comentário. Aqui, o cronista se coloca contra as ações de Lula em relação as CPIs e à mídia, porém, o faz por meio da apresentação de fatos concretos e não da defesa de seu próprio ponto de vista.

Em outros casos, Cony apela para a opinião pública ou simplesmente retoma fatos que saíram no jornal como acontece com polêmica que surgiu em 1998 no Rio de Janeiro a respeito da privatização dos esgotos. Em sua crônica *Prêmio e castigo*, Cony faz justamente isso:

Pudera: o escândalo da privatização dos esgotos do Rio estourou em páginas inteiras, em páginas duplas dos principais veículos de comunicação. Evidente que, em casos assim, a opinião pública, uma vez bem informada, sabe cobrar o castigo. Anestesiada em outros casos, ela nem percebe que mais uma vez o crime foi recompensado. (Anexo A)

As crônicas informativas sempre se ocupam mais de noticiar o fato do que comentá-lo. Depois de classificar as crônicas dentro desses cinco grupos, verificamos que algumas não se encaixavam em nenhuma categoria, por essa razão se fez necessário criar um sexto grupo, que apresentamos a seguir.

7.6) Outras

Como dissemos anteriormente, as crônicas nem sempre se enquadram perfeitamente em uma ou outra classificação. Em algumas situações é possível identificar a prevalência de uma característica sobre a outra nos definindo em qual grupo situar o texto. Porém, algumas crônicas não se pareciam com nenhum dos grupos propostos por Coutinho, ou estavam tão igualmente divididas entre dois ou mais, que preferimos classificá-las como *outras* e, conseqüentemente, descartadas da divisão entre literárias e jornalísticas.

Um exemplo claro é a crônica do dia 3 de outubro de 1993 intitulada *Sou contra*. Nesta crônica, Cony se propõe somente a dizer uma sequência de situações, fatos e ações aos quais é contra.

Sou contra a exata compreensão dos meus direitos de cidadão e contra o impostergável dever de solidariedade. Sou contra as injunções de ordem econômico-social e contra a voz da consciência, contra o tato político, contra o gosto da glória, contra o cheiro de santidade e contra os pagamentos a vista. (Anexo A).

A crônica que destacamos como exemplo, mas ela continua assim em todo o decorrer do texto. Como podemos observar, a repetição continua da palavra contra dá ao texto um ritmo de poesia. Porém, a definição de crônica-comentário nos remete a uma junção comentários pessoais a respeito de diversos temas. Além disso, a crônica metafísica traz indagações filosóficas do autor. Neste caso, não é possível classificar uma crônica que apresenta características marcantes e em equilíbrio de três categorias, sendo que duas são literárias e uma jornalística.

Outro exemplo são as crônicas que emitem a opinião do autor e se misturam a narrações. Por exemplo, na crônica *Vamos até lá* de 26 de dezembro de 1993, Cony fala sobre o natal, mas mistura tantos assuntos e pontos de vista, do Evangelho de Lucas a Machado de Assis, para narrar o nascimento de Cristo que não podemos classifica-la nem como narrativa, nem como comentário.

Outro exemplo é a mistura de poesia e comentário. Em *A grande vingança*, de 25 de setembro de 2005, Cony trata a natureza como mãe, matrona, matriarca e mulher; descrevendo as catástrofes naturais que atingiram os Estados Unidos como uma vingança desta “mulher” pelo país ter se recusado a assinar o Tratado de Kyoto.

7.7) Os temas de Carlos Heitor Cony

Como afirma Moisés (1967, p. 110), cada cronista é único, pois a crônica reflete a variação emocional do escritor. Assim também acontece com os temas predominantes nas crônicas de Carlos Heitor Cony. A vida cotidiana do cronista, seu passado e infância, política e religião são os temas que se destacam na grande maioria de seus textos.

Interessante a respeito dessas crônicas é que, ao fazer comentários sobre os acontecimentos discutidos na mídia, Cony também comenta a si mesmo quando escreve crônicas em resposta a comentários de leitores sobre suas próprias crônicas. Em *A náusea e a lesma* de 27 de outubro de 1996, o autor inicia o texto com o seguinte comentário: “Alguns leitores reclamaram da veemência de algumas crônicas que publiquei semana passada”.

Fazendo uma análise dos temas centrais das crônicas da nossa amostragem, descobrimos que o tema mais frequente é mesmo a política, abrangendo eleições, corrupção,

escândalos, políticas de governo e até mesmo a vida pessoal dos governantes. O tema aparece em 53 crônicas. Alguns temas se relacionam com a política, mas possuem certa independência, por isso foram classificados separadamente, como Economia, segurança pública e ditadura militar.

Outros temas também se destacam, como os relacionados ao passado do autor, que se dividem entre lembranças de sua infância, adolescência e juventude, além do tempo que passou no seminário. Talvez, exatamente influenciado por essa formação de seminarista, Temas como religiosidade, filosofia e ética estão presentes em suas crônicas. As crônicas que abordam a família de Cony ganharam um grupo à parte, pois se tratam do passado, mas também do presente do cronista.

Os fatos que ocorrem no dia-a-dia de Cony foram classificados como Cotidiano. São palestras e eventos que o autor participou, acontecimentos na redação, fatos que o presenciou na rua. Em relação ao comentário notícias existem três grupos distintos, no primeiro Cony comenta fatos que repercutiram na mídia, a esse demos o nome de *comentário de notícias*; no segundo é *Justificativa de suas crônicas*, no qual autor comenta as próprias crônicas; por fim, Cony comenta atitudes e posicionamentos da mídia em relação aos acontecimentos, que denominamos simplesmente de *Mídia*.

Além desses, também encontramos crônicas sobre futebol, literatura, meio ambiente, resenhas (livros, filmes e peças de teatro), saúde, tecnologia, festas de fim de ano e, curiosamente, uma crônica que Cony destina unicamente ao Rio de Janeiro. Podemos observar a relação dos demais temas na seguinte

Tema	Quantidade	Tema	Quantidade
Política	53	Ditadura	7
Cotidiano	35	Família	6
Comentário sobre notícia	15	Ética	5
Mídia	14	Meio ambiente	5
Passado	14	Futebol	5
Economia	11	Resenhas	5
Segurança	10	Festas de fim de ano	4
Filosofia	9	Rio de Janeiro	1
Justificando suas crônicas	8	Saúde	1
Religiosidade	7	Tecnologia	1
Literatura	7		

Tabela 2 – Principais temas abordados nas crônicas de Carlos Heitor Cony

7.8) Apresentação e discussão dos resultados

Após analisar as 232 crônicas de nossa amostragem, escolhidas aleatoriamente no período de março de 1993 a fevereiro de 2013, chegamos ao seguinte resultado:

Tipo de Crônica	Quantidade	Porcentagem
Comentário	96	42%
Informativa	66	28%
Narrativa	52	22%
Poema-em-prosa	10	4%
outras	5	2%
Metafísica	3	2%

Tabela 3 – Resultado da classificação segundo divisão de Coutinho

Tratando-se de um quadro geral, podemos observar a seguinte porcentagem de crônicas de cada tipo em relação ao total: 22% narrativas, 4% poemas-em-prosa, 2% metafísicas, 42% comentário, 28% informativas e 2% outras. Desta forma, temos o gráfico a seguir.

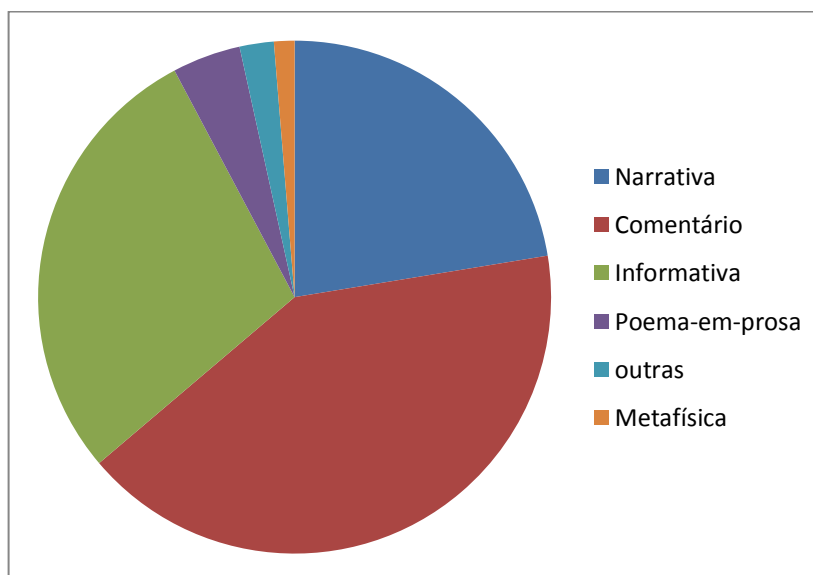


Gráfico 1 – Porcentagem das crônicas por grupos

Ao analisarmos a variação dos tipos ao longo do tempo, vemos que essa prevalência das crônicas comentário e informativas não é constante ao longo desses 20 anos. No gráfico abaixo, podemos observar a variação:

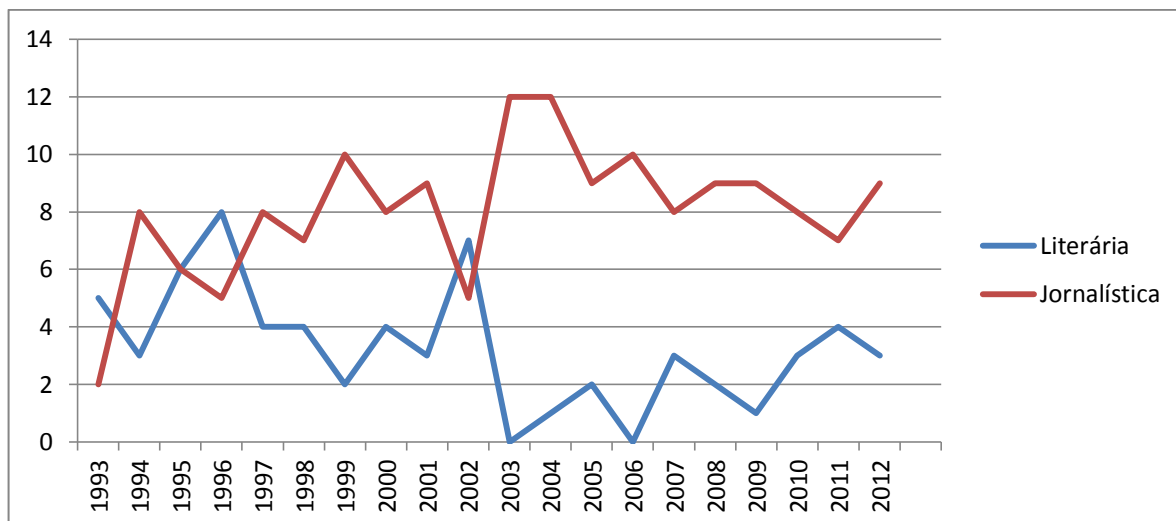


Gráfico 2 – Curva de Crônicas Literárias e Jornalísticas

Como podemos observar, Cony inicia sua carreira com um maior número de publicações de crônicas literárias (narrativas, poemas-em-prosa e metafísicas), porém, esse quadro se inverte no ano seguinte, e continuam a se alternar até o ano de 2002, a partir de então as crônicas jornalísticas de comentário e informação definitivamente passam a se sobressair às literárias até o final do período analisado.

Por fim, podemos definir que as crônicas deste período são majoritariamente jornalísticas, pois, após eliminar as crônicas classificadas como outras e somarmos os grupos que formam as crônicas jornalísticas e os que formam as literárias, vemos que 72% são crônicas jornalísticas, como podemos observar no gráfico a seguir:

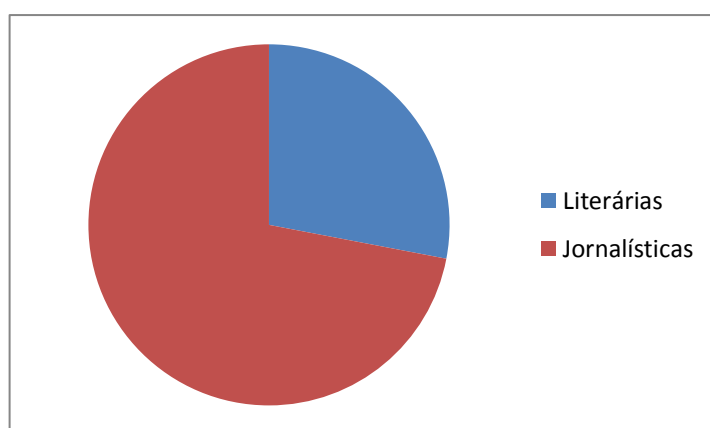


Gráfico 3 – Relação entre as crônicas literárias e jornalísticas

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esse breve estudo, não nos arriscamos a tirar conclusões definitivas, mas fazer alguns apontamentos observados que poderão, quem sabe, ser aprofundados em outras pesquisas futuras.

De fato a crônica é um gênero que sofreu várias modificações desde sua origem, ganhando características específicas após sua entrada no jornalismo pelos folhetins. Não há como separar a literatura do jornalismo, pois ambos influenciaram para a sua evolução, cada um a sua maneira.

É de grande importância lembrar que a crônica que conhecemos hoje nasceu nas páginas dos jornais, mas com a participação de grandes nomes da literatura. Tão reconhecido é o gênero que o nome de Rubem Braga entrou para a literatura apenas escrevendo crônicas, porém não podemos dizer que seja tão valorizado, pois o mesmo não chegou a Academia Brasileira de Letras.

Carlos Heitor Cony ocupa a cadeira de número 3, porém, escreveu vários romances além das crônicas de jornal, o que é mais valorizado pela literatura, porém, não deveriam ser de igualmente classificadas como literatura? De fato, as crônicas que falam de seus amigos, familiares, conhecidos ou de suas próprias experiências, em geral são crônicas que na classificação de Afrânio Coutinho (1968) seriam crônicas narrativas ou crônicas poemas-em-prosa, com características mais literárias. Por outro lado, Cony também tem uma grande quantidade de crônicas que tratam de temas atuais para a época que foram publicadas no jornal. Estas já se direcionam mais para o lado jornalístico sendo classificadas nas categorias de Coutinho como crônicas-comentário ou crônicas-informação. Em menos quantidade, em geral aquelas poucas crônicas que o autor expõe reflexões filosóficas sem que haja uma narrativa explícita ou uma informação, são classificadas também como literárias, e, para Coutinho, como crônicas metafísicas.

Ao final deste estudo, podemos perceber que por mais que os resultados tenham apontado para uma maioria de crônicas jornalísticas de Cony, podemos dizer que também têm grande importância literária, uma vez que o autor sempre traz uma mescla de características entre as categorias como pudemos observar nas crônicas que trouxemos como exemplo. De fato, é um grande escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRÃO, Fernanda Cristina. **Carlos Drummond de Andrade: o cronista dos anos 30.** Dissertação de mestrado defendida na UFJF. Juiz de Fora, 2005.

BARDIN, Laurence: **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

CHIQUIM, Giovana. **A impressão do cotidiano: Um estudo das ambiguidades da crônica e a transgressão de seu caráter efêmero.** Revista Estação Literária Londrina, Volume 11, p. 27-40, jul. 2013.

CONY, Carlos Heitor. **Biografia.** Disponível em <<http://www.carlosheitorcony.com.br/Biografia.aspx?nCodigo=3>> acesso em 7 set 2014

CONY, Carlos Heitor. **Discurso de Posse.** Disponível em <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=384&sid=104>> acesso em 7 set 2014.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil: teatro, conto, crônica, a nova literatura.** 2ª ed. São Paulo: Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A., 1968. Vol. 6.

COUTINHO, Afrânio. **Crítica e teoria literária.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Fortaleza: Edições UFCE -- PROED, 1987.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de conteúdo em Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** Org. Duarte, Jorge e BARROS, Antonio. 2ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2009.

GUARACIABA, Andréa. **Crônica em Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo.** Org. Melo Joaquim Marques. São Paulo: FDT, 1992.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **A Sétima Idade de Fernão Lopes: novo tempo para os Príncipes de Avis?.** Seminário Facetas do Império na História. ProDoc/Capes - Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Paraná. 6 a 10 de novembro de 2006.

GRUPO FOLHA, **Missão, visão, princípios e valores.** Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/institucional/missao.shtml>> acesso em 25 ago 2014.

KELLY, Celso. **Arte e Comunicação.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1978.

KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** 2ª ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo: Norte e Sul: Manual de Comunicação.** São Paulo: Ed.USP, 2002.

LAVILLE, Cristian e DIONNE, Jean. **A construção do Saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1993.

MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa em tempos de império**. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina (Orgs.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo : Contexto, 2008.

ELEUTÉRIO. Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tânia Regina de, (orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, Joaquim Marques. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3^a. ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2^a ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. Coleção ensaios transversais.

MELO, Joaquim Marques. **A Crônica**.

MENDEL, Manuel Ángel Vázquez. **Discurso Literário e Discurso Jornalístico: Convergências e divergências**. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2^a ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. Coleção ensaios transversais.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária: Introdução à Problemática da Literatura**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1968.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

RODRIGUES, . **Prefácio**. In: KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir**. 2^a ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

SCLIAR, Moacyr. **Jornalismo e Literatura: Fértil convivência**. In: CASTRO, Gustavo de. GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e Literatura: A sedução da palavra**. 2^a ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2005. Coleção ensaios transversais.

SILVA JÚNIOR, Maurício Guilherme. **Visões da cidade sitiada: a crônica de Carlos Heitor Cony e a resistência ao golpe militar de 1964**. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo. VIII Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo (Universidade Federal do Maranhão, São Luís), novembro de 2010.

SOARES, Angélica. **Gêneros Literários**. 5^a ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

ANEXO A

CARLOS HEITOR CONY

Deus

RIO DE JANEIRO - A pergunta fundamental, a única que realmente é pergunta, pois todas as demais são respostas disfarçadas, é a da existência de Deus. Se Deus existe ou não, é problema da filosofia. Se eu creio ou não em Deus, é o meu problema.

Ao terminar um romance coloquei na boca de um personagem a frase que podia ser minha: "Deus acabou". Friso: não fiz o personagem afirmar: "Deus não existe". Ou: "Não creio em Deus". Faça-o dizer como eu mesmo me digo nas horas de angústia e tédio: Deus acabou.

Nos idos do passado, fui participar de um programa de TV apresentado por Ary Barroso, que mantinha uma espécie de debate sobre determinado assunto. Fui lá com o Austregésilo de Athayde debater a emocionante questão: Deus existe? Austregésilo defendeu a afirmativa, a mim coube defender a negativa.

Evidente, discutiu-se uma tese e não um problema pessoal. Ressuscitamos velhas questões, os argumen-

tos de causalidade, os cinco famosos argumentos de São Tomás, a tese da realidade manifesta. O debate foi erudito e não se chegou a nenhuma conclusão. Athayde saiu de lá crendo, eu saí não crendo e Ary Barroso saiu ora crendo, ora não crendo.

Posso hoje confessar: não fui sincero naquele programa. Não que realmente acredite em Deus, mas escamoteei meu verdadeiro pensamento. Não me interessa saber se Deus existe ou inexistente. O que importa é que Deus acabou para mim. Tive Deus e gastei Deus demais. Fui um perdulário de Deus. Errei nos meus cálculos. Gastei demasiadamente um capital inesgotável. Ora, cada um de nós tem uma determinada quota de Deus. Meu capital não era tão grande como pensava, e gastei muito e depressa.

Como o filho pródigo, fui impaciente e me atirei a gozar a fundo. Um dia, amanheci pobre e nu, disputando com os porcos os restos de comida que sobravam da mesa dos mais prudentes.

CARLOS HEITOR CONY

Ouro para o bem do Brasil

RIO DE JANEIRO - *Alguns leitores estranham que o cronista, que passou oito anos criticando o governo passado, esteja agora criticando o novo governo, que saiu ungido das urnas e despertou as esperanças do povo.*

É isso mesmo, senhores e senhoras. Estou repetindo, sem a mesma dramaticidade, um momento de minha vida profissional, quando, em 1964, num jornal que não mais existe, criticava o governo de João Goulart. Mas, no dia seguinte ao de sua deposição, comecei a criticar o regime militar que então se instalava, não por birra ou necessidade de ser do contra, mas porque não podia calar diante da violência que então se instalava.

E não fiquei calado até que me casasse à força, quando o ministro da Guerra, mais tarde presidente da República, me processou pela Lei de Segurança Nacional e tive de pedir demissão para não prejudicar o jornal em que trabalhava. O que não adiantou: pouco depois o matutino seria obrigado a fechar por falta de condi-

ções para combater o regime militar.

Deus é testemunha de que desejo tudo de bom para o atual governo, em especial para Lula, figura que considero sagrada em nosso contexto político. Mas daí a apoiar ou aplaudir o Fome Zero vai uma distância tão grande quanto a admiração que tenho por ele.

Compreendo até as razões contingenciais que o fizeram embarcar nessa canoa furada, que teve até apoio entusiasmado de uma modelo e de uma emergente da Barra da Tijuca. E está tendo a adesão de figuras manjadíssimas em disputar espaço na mídia.

Não houve nenhuma enchente, terremoto ou catástrofe que mobilizasse governo e sociedade para acudir populações carentes de calorias, vitaminas e sais minerais. A fome precisa ser saciada todos os dias, o tempo todo. E isso não se resolve com um mutirão, com uma campanha tipo "dê ouro para o bem do Brasil".

O presidente e o cigano

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — A nação não se preocupou, devidamente, com os infortúnios que se abateram sobre o presidente Itamar Franco. Desde que assumiu o poder, ele tem experimentado graves provações: perdeu a mãe, a noiva e a popularidade. Em compensação, ganhou um terço e uma dor de dente das antigas, com direito a 'puz' na velha ortografia. Não conheço, nos fastos republicanos, nenhum antecessor do atual presidente que, em tão pouco tempo, tenha passado por tal e tanto.

Garantem os entendidos que essas coisas acontecem com as pessoas deslocadas de seu ofício e temperamento. O general Figueiredo, por exemplo, exerceu a Presidência a contragosto e teve uma sucessão de moléstias, desde a obstrução dos canais lacrimais à implantação de pontes safena, passando por complicadas crises de coluna: ele não se sentia confortável onde estava, preferia a intimidade dos cavalos e a distância dos políticos.

Talvez não seja esse, exatamente, o caso de Itamar Franco. Afinal, ele obteve confortável carona na chapa de Fernando Collor por vontade própria e em nenhum momento pensou em abandonar a luta, ao contrário do titular do mandato que, em dado instante, literalmente e por força maior, teve de

abandonar a raia.

A partir da posse, sente-se na presidencial figura uma expressão de "não-sei-o-que-estou-fazendo-aqui". Ele declara que é contra tudo o que está acontecendo: juros altos, inflação altíssima, remédios irremediavelmente fora de qualquer controle. Bem verdade que emplacou a idéia de ressuscitar o Fusca — um duende doméstico e sentimental que combina espantosamente com seu terço e sua dor de dente.

Seu mandato não é longo. Mesmo assim, ele ainda terá tempo para comover a nação contraindo, em seu devido tempo, sarampo, catapora e cachumba.

★

De hora em hora Deus piora: o Otto Lara Resende se foi e aqui estou eu, neste canto da Folha, não para substituí-lo, mas para exercer aquela função que o ministro Eliseu Resende esboçou esta semana como plano econômico nacional: tapar buraco. Reconheço que a tarefa não é fácil para ele, cuja especialidade não é tapar, mas fazer buracos. Já o cronista de jornal, segundo imagem bastante sovada, é como o cigano que toda noite arma sua tenda e pela manhã a desmancha, olha o horizonte e vai.

Mila

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — Era pouco maior do que minha mão: por isso eu precisei das duas para segurá-la, 13 anos atrás. E, como eu não tinha muito jeito, encostei-a ao peito para que ela não caísse, simples apoio nessa primeira vez. Gostei desse calor e acredito que ela também. Dias depois, quando abriu os olhinhos, olhou-me fundamente: escolheu-me para dono. Pior: me aceitou.

Foram 13 anos de chamego e encanto. Dormimos muitas noites juntos, a patinha dela em cima do meu ombro. Tinha medo de vento. O que fazer contra o vento?

Amá-la — foi a resposta e também acredito que ela entendeu isso. Formamos, ela e eu, uma dupla dinâmica contra as ciladas que se armam. E também contra aqueles que não aceitam os que se amam. Quando meu pai morreu, ela se chegou, solidária, encostou sua cabeça em meus joelhos, não exigiu a minha festa, não queria disputar espaço, ser maior do que a minha tristeza.

Tendo-a ao meu lado, eu perdi o medo do mundo e do vento. E ela teve uma ninhada de nove filhotes, escolhi uma

de suas filhinhas e nossa dupla ficou mais dupla porque passamos a ser três. E passeávamos pela Lagoa, com a idade ela adquiriu "fumos fidalgos", como o Dom Casmurro, de Machado de Assis. Era uma lady, uma rainha de Sabá numa liteira inundada de sol e transportada por súditos imaginários.

No sábado, olhando-me nos olhos, com seus olhinhos cor de mel, bonita como nunca, mais que amada de todas, deixou que eu a beijasse chorando. Talvez ela tenha compreendido. Bem maior do que minha mão, bem maior do que o meu peito, levei-a até o fim.

Eu me considerava um profissional decente. Até semana passada, houvesse o que houvesse, procurava cumprir o dever dentro de minhas limitações. Não foi possível chegar ao gabinete onde, quietinha, deitada a meus pés, esperava que eu acabasse a crônica para ficar com ela.

Até o último momento, olhou para mim, me escolhendo e me aceitando. Levei-a, em meus braços, apoiada em meu peito. Apertei-a com força, sabendo que ela seria maior do que a saudade.

A voz dos botequins

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — Todas as cidades devem ter um equivalente do botequim da zona norte carioca. Um lugar sórdido, com frequentadores também sórdidos, mas onde se ouvem histórias de grande ensinamento humano, social, esportivo e político. Na zona sul é diferente, de lá nada se aproveita, nem o chope nem a conversa.

Deu-se que precisei adentrar ao longo dos trilhos da Leopoldina, em busca da certidão de nascimento de um parente que mora no exterior e precisava fazer prova junto à Justiça Eleitoral. Perdi-me em Cordovil, subúrbio sem charme e quase sem história. Entrei no botequim para comprar cigarros: um sujeito lá no fundo, diante do copo de cerveja quente, falava para as prateleiras, pois ninguém o ouvia, melhor dizendo, todos fingiam que não o ouviam.

Ouvi pouco e bastante. O sujeito falava sobre a situação nacional, assunto obrigatório e local. Ao mesmo tempo, fazia incursões suplementares em sua biografia, confessando taras, fobias e manias. Ouvi, com nitidez e pasmo, a frase: —“E com uma mulher

dessas, como é que ele foi perder tempo sendo presidente da República?”

Fui para a calçada, abri o maço, puxei um cigarro e como quem não quer nada, olhei o sujeito. Era magro, uns quarenta anos, olhos redondos, beiços lúbricos, dignos de um Bourbon —dinastia que ficou famosa pela lubricidade dos beiços. O sujeito continuava a falar, mais exatamente: a resmungar.

Voltei ao botequim para comprar fósforos, embora tivesse isqueiro no bolso e no carro. Para me contrariar, o sujeito parou de falar. Não por minha causa, ele nem dera pela minha presença. Ficara mudo, numa pausa pejada de reflexão ou dor. Olhava a parede onde alguém colara um recorte de revista: Dona Rosana Collor de tanga, numa praia, o mar azul. O homem fez um gesto em cima do copo, como se espantasse uma mosca ou um pensamento mau que boiasse ali, na espuma de sua luxúria suburbana. Eu já ia embora quando ouvi o grunhido, talvez um soluço:

—“Esses ricos nunca estão satisfeitos!”

Preboste, nunca mais!

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — Ninguém sabe como tudo começou: o arceidiago recebeu a bula e ficou pálido de espanto —como o poeta Bilac diante das estrelas. Nem chegou a ler até o fim. Remeteu a bula ao arquiandrita, que nem chegou a ler ou abrir a bula. Na verdade, ela sabia que o preboste já estava a caminho do patíbulo. Nada podia salvar o preboste —nem mesmo um mandado de segurança impetrado pelo dr. Evandro Lins e Silva. Tampouco um manifesto assinado pelo Chico Buarque ou pelo Barbosa Lima Sobrinho. A situação do preboste era desesperada.

Restava o rei —se é que o rei ainda podia ser considerado um resto que restasse para qualquer coisa. Mesmo assim, era rei e tudo se fazia no reino em nome do rei —como na Inglaterra, onde o dono do cachorro que faz coisas na rua é detido em nome do rei-, que ultimamente andava fazendo, ele próprio, coisas em lugares impróprios.

Acontece que nem o arceidiago, nem o arquiandrita e muito menos o preboste sabiam que verdugo estava bêbado naquele dia. E uma lei que

vinha de Anselmo, o Desgarrado, proibia que verdugos bêbados exercessem sua função. Bem verdade que o filho bastardo de Anselmo, o grã-duque Felisberto, o Sem-Entranhas, havia revogado a lei, estabelecendo que em caso de bebedeira do verdugo, o condenado devia ser absolvido e o verdugo decapitado.

Como ninguém na realidade sabia nada e tudo ameaçava ficar por isso mesmo, o esmóler-mór percorreu o reino em seu feroso corcel que tinha a utilidade suplementar de partir em todas as direções. Assim equipado, o esmóler-mór tentou salvar a vida do preboste mas foi inútil: eis que, ao raiar a madrugada sobre os bosques, quando as cotovias cantavam e os monges premostratenses oravam, o verdugo, envinhado e sófrego, cortou o pescoço do preboste e mais cortaria se pescoço e preboste houvessem.

Os cronistas da época ficaram preocupados com o rumo dos acontecimentos, mas esperaram a próxima coletiva do ministro Fernando Henrique Cardoso para entenderem o que está se passando no reino.

O menino e a rede

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — A rede ficou esfiapada, viera do Ceará e muito me ajudou a ver passar a vida e o tempo em minha varanda, a Lagoa ao fundo, lá em cima aquele homem de braços abertos abençoando misérias, as minhas e as da cidade. Um amigo mandou-me outra rede, mas um pouco menor. Passei a manhã do sábado tentando colocá-la nos ganchos. Precisei acrescentar um pedaço de corda para obter a altura exigida pelo meu cansaço e no tamanho de minha preguiça.

Não sou perito em dar ou desatar nós. Mesmo assim, fiz o que pude, apertei onde devia apertar e consegui colocar os punhos da rede nos ganchos da parede. Faltava agora o teste: e veio o pânico de levar um tombo, quebrar qualquer coisa da carcaça da qual sou único e indisputado proprietário.

Justo nessa hora apareceu na varanda o filho da empregada que passava o sábado com a mãe: um menino gordinho, de olhos redondos, os dentinhos brancos e espaçados. Chamei-o. Ele não suspeitou de minha solércia. Atráfo à cilada, De infcio topou, imaginando uns balanços na rede novinha, a

Lagoa ao fundo, barquinhos à vela numa regata, o Cristo lá em cima, o mundo dominado, ele, senhor da rede. Mas alguma coisa o travou. Olhou para mim, desconfiado. Fui vil. Com a entonação do Cid Moreira lendo salmos, garanti que estava ali para qualquer emergência. O guri entrou numa de vacilo, examinando-me a cara —que nunca foi das mais confiáveis, nem mesmo apelando para a voz e os salmos do Cid Moreira.

Antes que me atirem pedras por ter explorado um menor: as crianças não têm os ossos definitivamente formados, resistem mais e melhor a tombos e colisões. Seu eu cásse da rede, teria de baixar à lanernagem, talvez tivesse de usar muletas e prometer uma romaria de joelhos ao Santuário da Penha, Padroeira dos Aflitos, Senhora dos Mutilados.

Não me acusem de chacinar menores. Afinal, o guri subiu na rede. Incentivei-o a dar solavancos brutais, encorajei-o a ousar. Ele adorou —e eu também. Perguntou se eu podia ser amigo dele. Disse que sim. À tarde, levei-o aos pedalinhos e entupi-o de pipoca.

Novidades

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — Era no tempo em que os animais falavam —não tão distante assim, pois há animais que continuam falando. Sendo mais preciso, era nos dias mais antigos do passado, quando havia pela cidade os chamados "tipos populares". Apesar de os jornais tirarem três edições diárias, as notícias mais quentes vinham desses caras que andavam pelas ruas e informavam o que havia acontecido, o que estava acontecendo e o que deveria acontecer.

Lembro de um deles, conhecido pelo óbvio nome de Novidades. Ele sabia tudo e anunciava parte do que sabia. Era diferente dos outros porque só falava se perguntado. O Ventania, por exemplo, era desacreditado porque falava sem ser inquirido. O Novidades valorizava o silêncio, mas nunca se ouviu dizer que deixasse pergunta sem resposta.

Suas informações eram genéricas. Anunciava o fim do mundo ao menos uma vez por mês. Revelava o bicho que ia dar naquela tarde —e como variava as respostas, sempre acertava algum. Seu forte era se ia chover ou não. Tinha fama de infalível nessa questão, o que não

era vantagem, pois a concorrência limitava-se ao serviço de meteorologia.

Eu o conheci em altíssimo astral como portador de novidades. Certa vez, perguntei-lhe o que eu seria quando crescesse e ele acertou na mosca: "Você nunca vai crescer!". Na hora, não entendi direito. Hoje, compreendo, mas é tarde. Apesar de tudo, Novidades caiu em desgraça. Houve um escândalo na rua, a mulher do Sacadura havia fugido com um garçom da Confeitaria Lallet. Sacadura entrou em crise, apelou para a macumba, para a polícia e, finalmente, para o Novidades. Em vez de responder, o Novidades avançou para o Sacadura, aos gritos: "E como é que você deixou que ela fosse embora?"

O povo, como no tempos bíblicos, tirou suas conclusões. Se Novidades também era freguês da mulher do Sacadura, deveria saber que ela fugiria com o garçom da Lallet. Logo, Novidades não sabia nada, era um sacador —quase o mesmo que Sacadura. A última vez que vi o Novidades ele anunciava um plano para salvar o Brasil.

As mãos do homem

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — *Luta cruel, desigual: o homem teimava em viver, julgava que tinha o direito de viver para sempre, por isso nunca pensara em enriquecer, em fazer nada que não fosse pura e belamente "viver". Fazia tudo o que tinha vontade e no dia em que completou 90 anos foi comer o angu do Gomes, na praça Quinze, com bastante pimenta e abrideiras que nunca fechavam seu apetite. Depois entrou numa agência de viagens e assuntou complicada viagem pela Amazônia. Foi parar na Terra do Fogo, três meses mais tarde.*

Essa fome de viver acabara no último Natal: ele quis descer para a sala, fazer a ceia com muito vinho e castanhas —adorava castanhas e rabanadas, que ele molhava no vinho do Porto. A fraqueza o impediu: ficou lá em cima e mastigou sem alegria algumas passas, olhando as paredes —sobram sempre as paredes para aqueles que vão morrer. Depois, a etapa derradeira: o corpo pifara, somente as mãos se mexiam, querendo abraçar as pessoas que o cercavam. Agora, tudo acabara.

As mãos estão quietas, pousadas

sobre o peito, no formato final e imóvel. Mãos que se gastaram em 50 anos de jornalismo antigo: apareceram as máquinas de escrever nas velhas redações, ele tivera dificuldade, tentara se adaptar, mas só sabia pensar "a lápis". Mãos espertas em muitos ofícios do viver, faziam presépios encantados, a cada final de ano. Em junho, seus balões eram famosos, vinha gente de fora, de São Paulo e Minas, ver as lanternas imensas e iluminadas que ele soltava para a noite. Mãos que ensinaram o filho a escrever: até hoje —e depois de tantos trancos e barrancos— o filho ainda tem a mesma letra inclinada e confusa do pai.

Sim, ali estão aquelas mãos, quietas, para nunca mais. Mãos que nem pareciam cansadas: apenas repousavam sobre o peito, finda a maravilhosa aventura.

Mãos que começaram a ficar mais brancas e mais quietas. Dentro delas, o nada. O nada cheio de tudo o que, ele fora, o que ele quisera ser, o que ele soubera viver. Mãos que, antes que se apagassem definitivamente, pareciam as mesmas: mãos de um homem. Mãos de meu pai.

Hora de entender os sinais

CARLOS HEITOR CONY

Natal — *Há um marco assinalando o domínio dos portugueses sobre aquilo que mais tarde seria chamado de Brasil. Quem fincou esse marco em terras tão promissoras não foi um português, mas um florentino, Americo Vesputio, parece que em 1501.*

Curioso o destino de ambos, o marco e seu fincador. Vesputio acabaria fazendo o que somente os deuses gregos conseguiram: dar nome a um continente. Europa foi conquistada por Zeus, que tomou a forma de touro —ele gostava de fazer essas coisas. Seria hoje um bom transformista de boate. Foi touro para possuir Europa e chuva para possuir Danae.

Mais modesto, Americo Vesputio não precisou ter tanto trabalho para dar nome a dois continentes. Tirou o pão da boca de Colombo, de Cabral, de Magalhães —que acabou batizando um mísero estreito. Salvou-se o grande Vasco da Gama, que conseguiu dar nome a um time de futebol.

Mas o assunto é o marco em si, um

pedaço de boa pedra portuguesa onde mão competente gravou uma cruz de malta. Não havia certeza sobre o tamanho da enorme ilha que haviam descoberto. Numa das expedições, ao contornar a região onde fica Natal, Americo Vesputio achou que já era bastante terra e dela tomou posse em nome do rei de Portugal.

Esse marco é hoje um orgulho e um problema para os nascidos aqui. Andou em vários lugares, foi tirado e colocado uma centena de vezes. O povo, sem saber o que era quilo, e vendo a cruz de malta nele gravada, sem ter um Paulo Coelho que lhe explicasse aqueles sinais, tomou o marco como peça sagrada, raspava pedra e com ela fazia um chá que curava doenças.

A reparação está a caminho. Entidades locais já levantaram o sítio exato onde Vesputio cravou o marco. Ele será recolocado e promovido a atração histórica e turística. Acho que, a partir dessa reparação, as coisas podem melhorar não apenas para Natal, mas para todo o Brasil. É preciso entender os sinais.

Festa da primavera

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — Devo ser um monstro, entre outros motivos, porque nunca me emociono devidamente com a chegada da primavera. Aqui no Rio, pelo menos, essa passagem de uma estação para outra é marcada por um tempo esquisito.

Nuvens de um cinza pastoso, dramático, escondem a serra da Tijuca e amortalam o Corcovado. Refletem as águas da Lagoa um céu opaco, sem profundidade. Nem chega a ser céu: é uma espécie de lona incolor e gasta que cobre o grande circo — onde todos nos esbofamos para que o espetáculo continue. Para que e para quem?

Em criança, aí pelos seis anos, o pai chegou excitado (aliás, ele vivia de forma excitante em todas as ocasiões, fosse inverno ou verão). Anunciou que me levaria à Festa da Primavera, na Quinta da Boa Vista, uma bolação que ainda não merecia o nome atual de "evento", mas era como se fosse.

Pedi detalhes. Minha mãe louvou a chegada da primavera, a estação das

flores, as corolas se abrindo, o ar perfumado, o céu de límpido azul etc. A primavera era uma festa e eu iria à festa da primavera. Era muito para um pobre marquês, ou melhor, para o menino desconfiado e triste que eu era e, de certa forma, nunca deixei de ser.

Foi talvez a decepção fundamental da minha vida. Tive outras, é certo, até mais complicadas e irreparáveis, mas nenhuma delas se comparou com o que vi. Bananeiras de papel crepom à entrada da Quinta, duas moças vestidas de arco-íris distribuindo uma bandeirinha brasileira, uma charanga tocando a "Valsa dos Patinadores", a esqualidez das barracas vendendo cachorro-quente e pipoca.

La esquecendo: teve discurso de um cara que citou não sei que obra municipal que estava em andamento. Por sorte, o pai estava acima dessas vicissitudes: levou-me a andar de bote no laguinho da Quinta. Prometeu que, quando eu crescesse, e fosse um garoto bonzinho, me daria um barco de verdade. Barco que nunca mereci.

A criança e o velho

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — Outro dia, vendo a reprise de um programa que gravei com o Roberto D'Ávila em Paris, me surpreendi citando aquele conto de Scott Fitzgerald: o homem que nasceu velho e foi rejuvenescendo até morrer com meses de idade.

Está no livro "Seis Contos da Era do Jazz". É um roteiro extravagante para a condição humana, bem menos doloroso do que o processo ortodoxo que nos faz nascer crianças e morrer velhos.

Nada mais ridículo do que sabedoria dos velhos, dos que acumularam experiência e serenidade para julgar os outros e julgar-se a si próprios. Tomemos como base aquele outro conto, impropriamente rotulado de infantil: o do rei nu.

Um velho que constate a nudez do rei é um idiota. Ele vê a realidade e a aceita naturalmente, o rei está nu porque é um direito do rei ficar nu. De maneira que um velho, quanto mais sábio for, menos se espantará com a nudez do rei.

Já a criança apontará a nudez do rei

como um fato transcendental, uma metáfora do poder. Seu grito no colo da mãe ("O rei está nu!") tem a força e a luminosidade do grito de Arquimedes, também nu, dizendo "Eureka!".

Dá que os velhos evitam dizer que o rei está nu. Eles também devem estar nus, tá todo mundo nu, nada os espanta. Já as crianças têm o direito de investigar o mundo e os homens que formam o mundo. Lembro que, em criança, tinha um vizinho que trabalhava numa loja na rua dos Andradas e a *queim* meu pai chamava de "boa alma".

Eu dava de barato que ele tivesse boa alma ou nem tivesse alma alguma. O que me espantava nele era que se chamava Almeida. Não conhecia, até então, nenhum Almeida. Admirava-me também de que ninguém estranhasse que o citado Almeida tivesse esse assombroso nome.

Quando percebi que ninguém me acompanhava nesse estupor, tentei me habituar ao fato de que o Almeida fosse Almeida mesmo. Fiquei velho, como todo mundo. Mas acho que a criança que eu fora sabia melhor das coisas.

A sobrevivência da balsa

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — A convite de Matias Suzuki Jr., fui ao programa "Roda Viva" na TV Cultura e desconfio que disse muita asneira ao vivo, pois o programa não é editado. Mesmo assim, gostaria de repetir uma comparação que fiz a respeito do neoliberalismo em moda. Imaginei um naufrágio, a balsa com uns 17 naufragos. Entre os 17 haveria fortes e fracos, burros e inteligentes, chatos e interessantes.

Alguém poderia entender de mar, de navegação, outro teria sentido de liderança. Haveria um velho doente, batendo pino, uma mulher neurótica, duas ou três crianças apavoradas. A balsa seria o resumo da sociedade, ela própria balsa, uma sociedade com seus problemas.

Para sobrevivência da balsa, o bom senso recomendaria criar uma espécie de Estado cuja função seria equalizar a potencialidade de cada um. Sem Estado, os mais fortes fatalmente se reuniriam e jogariam no mar os velhos, os doentes, as crianças que só ocupariam espaço e beberiam a água potável que deveria ser destinada aos que tivessem

melhores condições de sobrevivência. Dos 17 da balsa, três ou quatro mais isso ou mais aquilo tomariam o poder, e sem o Estado para regular o mínimo de decência humana, sacrificariam os demais.

O neoliberalismo, com perdão do esquema, é isso aí. Na selva prevalece regime igual, o mais forte come o mais fraco porque, entre outras coisas, acredita que o mais fraco foi posto no mundo para alimentar o mais forte.

Para impedir que a legislação da selva dominasse a sociedade humana, criou-se o Estado, que não deve ser pai nem patrão, mas apenas árbitro na medida em que pode, sem ser Robin Hood e sem ser o Betinho, administrar o bem comum. Isso não chega a ser cristianismo nem socialismo. É simples bom senso, humanismo.

Estabelecer o primado do mérito, da força e do mercado, em última análise, é um retorno à lei da selva, à balsa onde velhos, crianças e doentes deverão ser jogados ao mar para que sobrem espaço e água potável para os mais fortes,

Podia ser pior

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — A frase é atribuída a Lúcifer. Repetida em diversas ocasiões e por milhões de motivos, o fato cientificamente provado é esse: foi o próprio Pai das Trevas quem primeiro disse que tudo podia ser pior.

Vamos às circunstâncias. Nem o mundo nem o homem haviam sido criados, Deus reinava sobre seres incorpóreos chamados "anjos". O mais belo de todos, o mais poderoso e próximo do Onipotente era justamente Lúcifer.

Não havia rodízio de poder. Sem a via eleitoral e democrática, restou ao mais belo dos anjos a opção das armas, ou seja, a revolução. Endureceu sem perder a ternura. Sabemos o que aconteceu: sem as condições objetivas da rebelião, não promoveu as alianças necessárias e foi precipitado na Geena eterna. Dizem que, então, olhando em torno, viu seus chifres, seu rabo, sua cara mefistofélica para todo o sempre. Viu também as chamas que o envolviam, chamas eternas que queimam e

não iluminam. Viu seus companheiros de degredo, tudo mau-caráter.

Fez o que não havia feito antes: avaliou a situação em que se encontrava e proferiu a frase que se tornou histórica: "Podia ser pior".

Para falar com honestidade, se eu estivesse no lugar dele não ficaria tão conformado. Acho que foi santo Agostinho quem classificou o Demônio de otimista porque tem a pretensão de fazer o homem pior do que já é.

Otimista ou pessimista, Lúcifer não chorou sobre o leite derramado. Assumiu os chifres, o rabo, as chamas eternas e os companheiros de infortúnio. Continua na dele, até hoje. Pai das Trevas e da Mentira, nunca foi acusado de Pai do Desespero. Afinal, tudo podia ser pior, até ele.

De maneira que outro dia ouvi um ministro dizer na TV que a crise das Bolsas asiáticas "podia ser pior". Não conheço o agente literário do Demônio, mas acho que ele deve tomar providências para resguardar o direito do autor da frase.

Referendo inútil

RIO DE JANEIRO - Na crônica de ontem, declarei que não votaria no plebiscito de hoje. É uma consulta escapista bolada pelo governo, além de hipócrita e sobretudo inútil. As alternativas, proibir ou não o comércio de armas, não resolverão o problema da violência que se alçou à "pole position" de nossas misérias: concentração de renda, juros escorchantes, corrupção em vários níveis da vida pública, desemprego etc.

Começemos pelo "sim", cavalo-de-batalha residual da esquerda. Há crimes comuns, provocados por tensões domésticas, que não precisam de armas de fogo. A mãe de Hamlet, ajudada pelo amante, matou o marido enquanto ele dormia, pingando veneno no ouvido do pai de Hamlet. Com um punhal, Macbeth foi o "assassino do sono". Otelo matou Desdêmona, em algumas encenações, ele usa o travesseiro, em outras, as próprias mãos. César foi morto a pauladas. Uma jovem paulista, recentemente, com a ajuda do namorado, matou a pauladas os pais que dormiam. Cláudia Lessin Rodrigues,

aqui no Rio, foi assassinada depois que a obrigaram a tomar uma overdose.

O pessoal do "não" acredita que possuindo uma arma poderá enfrentar o bandido que continuará dispondo de um arsenal maior e mais letal. De nada adiantará ter a arma no armário ou no carro. A escalada da violência não é causada pelas armas, mas pelos violentos que, com ou sem arma, continuarão violentos. Repito um argumento que dei há dias: proibindo-se o uso dos termômetros, as febres não acabarão. O termômetro não acaba com a febre, apenas a indica.

Se fosse obrigado a votar neste referendo que me parece até imbecil, anularia o meu voto, seria uma forma de não votar. Para acabar com a violência, a obrigação do Estado é investir organizadamente na segurança. Para diminuir os crimes avulsos, provocados por rixas domésticas, ciúmes, desentendimentos de trânsito, a educação e a consciência da cidadania seriam mais eficazes.

Esse Sérgio Ricardo

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — Esbarro com Sérgio Ricardo num corredor do prédio onde trabalho. Estamos com pressa, mesmo assim paramos e buscamos tempo para dizer que nos gostamos.

Guardo uma velha foto, um palanque contra o regime autoritário dos militares; lá estamos Callado, Thiago de Melo, Joaquim Pedro de Andrade, Sérgio Ricardo e eu. Mandamos a brasa que podíamos. Talvez não tenha adiantado, mas fizemos nossa obrigação naquele momento.

Considero Sérgio Ricardo um dos artistas mais nobres e conscientes que o Brasil já produziu. Tem um temperamento quente, quebrou um violão num desses festivais, criou uma horda de ressentidos e até mesmo de inimigos. Nada disso influi na importância artística de sua obra.

Vinculado esquematicamente à bossa-nova, ele supera o modismo. Aproxima-se mais do clássico; ao piano, ele é soberbo. No violão, não fica atrás de Baden Powell.

O compositor é que interessa. Além dos sucessos históricos de "Zelão" e "E Esse Mundo é Meu", seu grande momento foi a trilha musical composta para "Deus e o Diabo na Terra do Sol".

Experimentem ver o filme de Glauber sem a música de Sérgio Ricardo. É como ver uma catedral gótica sem agulhas, um pássaro sem asas.

A coerência artística e política de Sérgio Ricardo desagrada aos oportunistas de todos os tamanhos e feitios. Ele passa recibo, tem sangue quente, reage — é um artista de briga, embora seja um doce como pessoa.

Em torno dele foram criadas lendas, é dos artistas brasileiros mais injustiçados. Outro dia, num programa da TV Cultura, ele deu um banho de musicalidade e coerência política. Ficará em nossa história como uma espécie de Qorpo Santo musical, de Aleijadinho que precisou de quase dois séculos para ser reconhecido pelos modernistas de 22.

De minha parte, sempre lhe queimei o incenso que ele merece.

CARLOS HEITOR CONY

A mídia derrotada

RIO DE JANEIRO - A pesquisa mais recente, divulgada na última semana, tem sido interpretada de diversos modos e intenções. O crescimento da popularidade de Lula e da aceitação de seu governo não deixa de provocar um exame de consciência nos profissionais da mídia, alguns deles acreditando que a imprensa, em geral, é o quarto poder.

Um poder que nada pode além de fazer muita marola, que nem sempre chega a molhar os rochedos da corrupção e da bagunça administrativa a que infelizmente estamos habituados. Por meses —quase um ano, não tenho certeza—, a mídia escancarou as mazelas do governo em diferentes setores, todas elas revelando que, de alguma forma ou de todas as formas, o presidente sabia dos esquemas em que seus auxiliares e amigos mais chegados chafurdavam.

E dele não partiu outra atitude se não a de aceitar a carta de demissão

que os envolvidos lhe mandavam e que tinham como resposta uma declaração de afeto e confiança. Um deles, depois de tudo o que houve, foi chamado de irmão.

Na realidade, Lula deitou e rolou para as CPIs que foram instauradas e em que foi acusado de cumplicidade com a corrupção. Na hora H, seu nome foi poupado dos relatórios finais, mas não da cobertura que a mídia lhe dedicou. E, se não deu bola para CPIs, muito menos bola deu para editoriais, articulistas, cronistas, colunistas e todos os que ocuparam os vários veículos de comunicação do país e do exterior.

Seria o caso, repito, de um exame de consciência, de uma reavaliação dos meios e da própria função do tal quarto poder, poder que não atinge o povo. A alegação de que o povo não lê jornais nem revistas não procede. O povão vê televisão, ouve rádio. E continua acreditando em Lula e abençoando-o com seu voto.

Prêmio e castigo

CARLOS HEITOR CONY

Rio de Janeiro — *Comentei, outro dia, o tratamento diferenciado que a mídia dedicou a dois fatos análogos: os telefonemas grampeados do ministro das Comunicações e do presidente do BNDES; e a mesmíssima coisa envolvendo deputados estaduais do Rio.*

O grampo foi rigorosamente igual. Os arapongas que o praticaram até podiam ser os mesmos. Fato sem dúvida condenável, que merece repúdio e exige punição.

No entanto a mídia continuou batendo forte no caso dos deputados fluminenses, e tanto bateu que a Assembleia Legislativa, pressionada, não teve outro remédio senão cassar o principal envolvido no caso da privatização de uma estatal.

Já no plano federal, a mídia continua enlanguescida pelo poder que jorra do governo. Tudo é desculpável, tudo é boa gente, gente brilhante, como o presidente da República, que sabe dizer em quatro línguas as obviedades que arrepiam a espinha do conselheiro Acácio.

Os dois casos —o federal e o estadual— ocorreram quase ao mesmo tempo. A mídia, como um todo, foi relegando o noticiário do escândalo federal para as páginas internas, as notícias escondidas e redigidas com cautela para não ferir ninguém. Daí que o leitor médio já nem se lembra que houve favorecimento no leilão das teles. E que as comissões de praxe já estão pagas e protegidas nos paraísos fiscais.

No caso estadual, quando o Jabá não ultrapassou míseros R\$ 70 mil por cabeça, pelo menos o deputado que serviu de testa-de-ferro dos interessados está com o mandato cassado, podendo inclusive ser processado criminalmente.

Pudera: o escândalo da privatização dos esgotos do Rio estourou em páginas inteiras, em páginas duplas dos principais veículos de comunicação. Evidente que, em casos assim, a opinião pública, uma vez bem informada, sabe cobrar o castigo. Anestesiada em outros casos, ela nem percebe que mais uma vez o crime foi recompensado.

Sou contra

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — *Sou contra o desenvolvimento auto-sustentável e contra a insustentável leveza do ser. Sou contra o esgotamento dos prazos legais e contra as objurgatórias indeclináveis. Sou contra o fomento da agricultura e contra o colóquio de física nuclear. Contra o abastardamento de nossas tradições, contra o dever inelutável de consciência e contra os soluços da espiral inflacionária.*

Sou contra a transparência das decisões ministeriais e contra os legítimos reclamos do operariado. Sou contra os artefatos de fabricação caseira e contra as armas de uso exclusivo das Forças Armadas. Sou contra a mais completa apuração das responsabilidades e contra a dilatação do perfil da dívida externa. Contra a camada de ozônio, contra a injusta concentração de renda e contra as colocações politicamente corretas.

Sou contra o quadro de nossas importações e contra o arbítrio das decisões apressadas. Sou contra o apaziguamento dos espíritos e contra as inalienáveis prerrogativas da pessoa humana. Contra os lílmos representantes das classes produtoras, contra os

autênticos interesses de nossa soberania e contra os sagrados postulados de nossa civilização cristã.

Sou contra a exata compreensão dos meus direitos de cidadão e contra o impostergável dever de solidariedade. Sou contra as injunções de ordem econômico-social e contra a voz da consciência, contra o tato político, contra o gosto da glória, contra o cheiro de santidade e contra os pagamentos à vista.

Sou contra a ampla pesquisa ao eleitorado e contra a arregimentação de consciências. Sou contra o imediato socorro às regiões desamparadas e contra o mais fino ornamento de nossa sociedade. Sou contra o transplante de idéias alienígenas e contra os óbices que entram o nosso desenvolvimento. Contra o lúcido ensaísta e contra o rigoroso crítico teatral. Contra o inspirado poeta e contra o agudo filósofo. Contra o hábil cronista e contra o paciente pesquisador. Sobretudo, contra o vibrante jornalista e contra as mulheres que fazem os poetas sofrerem, os governantes roubarem, os comerciantes falirem, os filósofos meditarem e os pecadores pecarem.

Vamos até lá

Carlos Heitor Cony

RIO DE JANEIRO — *Bimbalhados os sinos, mais um Natal escorregou no tempo e a vida continua. Quando era criança, ficava admirado de só existir um Natal por ano, achava que todos os dias deviam ser iguais àquele, quando o carteiro nos dava um cartão de festas e papai lhe dava alguns trocados. E havia sempre o brinquedo novo na janela do quarto —quarto que não mais existe, nem brinquedo, nem carteiro, nem o próprio pai existe mais.*

Conheço gente ligada ao Carnaval que tem sentimento parecido: gostaria que o ano todo fosse Carnaval, o que de fato acontece, se olharmos a vida e nós mesmos sob certo ângulo. Natal é mais difícil.

Machado de Assis é citado quando se fala no tema: não é o Natal que muda, somos nós que mudamos. De qualquer forma, acreditando-se ou não em Deus e, em especial, na lenda cristã, a magia de uma noite em que nos nasce a esperança é pedaço de chão humano que escora a nossa fatigada responsabilidade.

Agnóstico, poço de pecados, sempre me comovo ao ler o trecho de Lucas que constitui o Evangelho do Natal. O menino nasceu no meio do silêncio

—“dum medium silentium”— e é no silêncio que nasce a nossa esperança, é no silêncio que nasce o amor.

O próprio Lucas diz que os anjos logo romperam o silêncio e cantaram a glória a Deus nas alturas e a paz na terra aos homens de boa vontade. Problema deles, dos anjos, que assim reagiram ao acontecimento.

Com os homens foi diferente. Os pastores dormiam na imensa noite do deserto da Judéia e foram despertados pelo cantico dos anjos. Assombrados, fizeram o que os homens de boa vontade podem fazer: “Vamos até Belém!” É urgente que se faça alguma coisa e essa alguma coisa é ir. Ir na direção revelada, em busca do revelado amor.

Apesar da “inside information” vinda dos anjos, os pastores chegaram atrasados e perderam a pole position: quando chegaram, o burrinho e a vaca lá estavam, esquentando com o hálito morno o corpo do recém-nascido. Mesmo assim, valeu a ida. Nossa desgraça é quando a preguiça, o medo ou o orgulho —juntos ou separados— impedem que façamos o caminho onde uma estrela aponta que o amor está ali.

A grande vingança

RIO DE JANEIRO - Desde criança ouvia dizer que não se deve brincar com mulher. Por favor, me entendam. Brincar não significava, nesta advertência, fugir delas, deixar de amá-las, de transar com elas quando possível e com a obrigação suplementar de tentar até o impossível. "Brincar" era não levá-las a sério, baseados na inexistente fragilidade feminina, não temê-las na capacidade de suas cóleras e vinganças.

Mãe, matrona, matriarca, exemplo nas coisas boas e más, a natureza é mulher — e bota mulher nisso. Bela e irascível, aconchegante e letal, aí estão os resultados de sua ira contra os Estados Unidos, país que se recusa a assinar o Tratado de Kyoto. Vivendo basicamente de matérias-primas vindas de todas as partes do mundo para alimentar sua formidável gula industrial, os Estados Unidos desdenham o cuidado que o resto da humanidade dedica ao ambiente.

O pragmatismo, aliado ao hedonismo da sociedade norte-americana, criou um tipo de mentalidade que a

aproxima nada menos do que a Jesus Cristo: não é deste mundo.

A natureza, como foi dito acima, é mulher, e como mulher, não perdoa àqueles que a desprezam ou a esnobam. O resultado aí está. A sucessão de tragédias naturais é a cobrança que torna os Estados Unidos vulnerável a catástrofes que habitualmente só acontecem em países pobres ou miseráveis. Uma sociedade que detém o maior poder econômico e militar do mundo de repente vê se esfacelarem os pés de barro que sustentam o gigante.

As tragédias ainda estão localizadas em regiões menos ricas e lambidas pelos furacões do Golfo do México. Mas há fendas no subsolo do grande território, como em Los Angeles e imediações, que podem de uma hora para outra criar uma tragédia equivalente às hecatombes de Hiroshima e Nagasaki.

Já estão falando em vingança da dupla Allah e Maomé. Prefiro acreditar na vingança da Natureza.

APÊNDICE A

ano	Crônica	título	NAR	PEP	MET	COM	INF	outra	Jor	Lit
1993	1	O presidente e o cigano				x			x	
1993	2	A última palavra					x		x	
1993	3	A arca, as águas, a pomba e o bode						x		x
1993	4	A voz dos botequins	x							x
1993	5	As mãos do homem		x						x
1993	6	Preboste, nunca mais!	x							x
1993	7	O menino e a rede	x							x
1993	8	Sou contra						x		
1993	9	Anarquistas, graças a Deus	x							x
1993	10	Vamos até lá						x		x
1994	11	Ratos e homens				x			x	
1994	12	O programa e os programas do PT					x		x	
1994	13	Memória da manhã	x							x
1994	14	Macunaíma em Java						x		
1994	15	Marcathismo moral					x		x	
1994	16	A mágica besta					x		x	
1994	17	As moedas de Qumran				x			x	
1994	18	O guarda que comeu a empada				x			x	
1994	19	Novidades	x							x
1994	20	E se eu roubar o "Minas Gerais"					x		x	
1994	21	A bala perdida	x							x
1994	22	Embratel mutilada					x		x	
1995	23	Bode expiatório					x		x	
1995	24	O boêmio e o mártir	x							x
1995	25	Os deuses do Olimpo				x			x	
1995	26	Selva literária	x							x
1995	27	O vento da história				x			x	
1995	28	Mila	x							x
1995	29	Confraternização cultural	x							x
1995	30	Noite de outro tempo	x							x
1995	31	Nós nos amávamos tanto	x							x
1995	32	O berro que o gato deu				x			x	
1995	33	A estrela solitária					x		x	
1995	34	A reabilitação das galinhas				x				x
1996	35	A sobrevivência da balsa			x					x
1996	36	O grande festim				x			x	
1996	37	Mágicos	x							x
1996	38	Pergunta sem resposta	x						x	
1996	39	Ofício dos Ossos	x						x	
1996	40	O peregrino da noite					x		x	
1996	41	Crime passionai	x							x
1996	42	a janela e o menino	x							x
1996	43	Drama de consciência	x							x
1996	44	A náusea e a lesma				x			x	
1996	45	Hora de entender os sinais		x						x
1996	46	Na contramão de Scarpia				x			x	
1997	47	"Eu sou a porta"	x							x
1997	48	Pranto para os 50 anos	x							x
1997	49	A herança liberal					x		x	
1997	50	As traduções de "O Corvo"				x			x	
1997	51	Palavras e baionetas					x		x	
1997	52	Esse Sérgio Ricardo				x			x	
1997	53	Dois Presidentes					x		x	
1997	54	Assim seja!	x							x
1997	55	Somos todos inocentes				x			x	
1997	56	O preço da honra				x			x	
1997	57	Protestos no Glória				x			x	
1997	58	Podia ser pior			x					x

ano	Crônica	título	NAR	PEP	MET	COM	INF	outra	Jor	Lit
1998	59	Preferências musicais				x			x	
1998	60	A árvore assassina	x							x
1998	61	Debate sem fim				x			x	
1998	62	Liturgia econômica				x			x	
1998	63	Eis a questão	x							x
1998		Não houve crônicas de Cony								
1998	64	A Lagoa, outra vez	x							x
1998	65	Clinton e o cão				x			x	
1998	66	Festa da primavera		x						x
1998	67	Acordo de cavalheiros				x			x	
1998	68	Cartão de visitas				x			x	
1998	69	Prêmio e castigo					x		x	
1999	70	A criança e o velho			x					x
1999	71	Itamar e Lilian Ramos				x			x	
1999	72	O preço de um cabo				x			x	
1999	73	Em nome de Deus					x		x	
1999	74	A esquina do Regatas	x							x
1999	75	A hora do vômito					x		x	
1999	76	Que reforma?					x		x	
1999	77	O figurante de Glauber				x			x	
1999	78	Fogo na Notre Dame				x			x	
1999	79	Crítica e autocrítica				x			x	
1999	80	Barriga cheia					x		x	
1999	81	Notícias do Planalto				x			x	
2000	82	Palavras e palavras				x			x	
2000	83	Notícias do Palácio	x							x
2000	84	Um homem chamado José				x			x	
2000	85	Antes a força dos fatos				x			x	
2000	86	Motel de beira de estrada					x		x	
2000	87	Vítimas e cúmplices					x		x	
2000	88	Sonhos e valsas		x						x
2000	89	Cada vez mais refém					x		x	
2000	90	a santa do dia	x							x
2000	91	Até a próxima!	x							x
2000	92	Pranto para o Rio de Janeiro					x		x	
2000	93	Bimbalham os sinos				x			x	
2001	94	Brasil cor-de-rosa					x		x	
2001	95	Opinião da Vaca					x		x	
2001	96	Lua de são Jorge	x							x
2001	97	Anjo exterminador				x			x	
2001	98	A intolerância da tolerância				x			x	
2001	99	Justa causa					x		x	
2001	100	Congonhas	x							x
2001	101	Neogrito do Ipiranga				x			x	
2001	102	O terror e a mídia				x			x	
2001	103	Sabonetes e candidatos				x			x	
2001	104	Perdas de Guerra	x							x
2001	105	Ex Oriente Lux				x			x	
2002	106	"Aonde iremos parar?"	x							x
2002	107	Passo certo				x			x	
2002	108	Paris vale uma missa	x							x
2002	109	Habemus confitentem reum					x		x	
2002	110	A ostra e a pérola	x							x
2002	111	A vergonha da família	x							x
2002	112	Tudo em seu tempo	x							x
2002	113	Soberania ameaçada					x		x	
2002	114	A grande festa	x							x
2002	115	Pela parte de cima	x							x
2002	116	Quem paga o pacto					x		x	
2002	117	Férias				x			x	
2003	118	Os fiscais sem fiscais					x		x	

ano	Crônica	Título	NAR	PEP	MET	COM	INF	Outras	Jor	Lit
2003	119	Ouro para o bem do Brasil				x			X	
2003	120	Tiro ao alvo					x		x	
2003	121	Lula e FHC					x		x	
2003	122	Novo poder					x		x	
2003	123	O jogo da Direita					x		x	
2003	124	Velhos tempos					x		x	
2003	125	Obituários					x		x	
2003	126	A fome e a violência					x		x	
2003	127	Poder pelo poder				x			x	
2003	128	Do direito de não informar				x			x	
2003	129	O festim					x		x	
2004	130	Tal como antes				x			x	
2004	131	O marinheiro do rio Arruda	x							X
2004	132	A arca de Noé					x		x	
2004	133	Solução final					x		x	
2004	134	Cidade enfaixada				x			x	
2004	135	O monarca das coxilhas				x			x	
2004	136	O arsenal do FMI				x	x		x	
2004	137	Olga					x		x	
2004	138	O mar e o peixe				x			x	
2004	139	Hergoz e a cruz				x			x	
2004	140	Responsabilidade de culpa				x			x	
2004	141	Magia negra				x			x	
2005	142	A vaia da vaia				x			x	
2005	143	A faca e o queijo					x		x	
2005	144	Mar aberto		x						X
2005	145	Mídia frustrada					x		x	
2005	146	O penico de Napoleão				x			x	
2005	147	Casa mal-assombrada	x							X
2005	148	A planície e o planalto					x		x	
2005	149	Lula e Gaddafi					x		x	
2005	150	A grande vingança						x		
2005	151	Referendo Inútil				x			x	
2005	152	Tempo de arrastões				x			x	
2005	153	Bimbalham os sinos					x		x	
2006	154	A primeira encíclica					x		x	
2006	155	De ideias e dentes				x			x	
2006	156	Pausa que refresca				x			x	
2006	157	Portas fechadas e abertas				x			x	
2006	158	C'est la guerre!					x		x	
2006	159	A mídia derrotada					x		x	
2006	160	O exemplo de JK					x		x	
2006		Não houve crônicas de Cony								
2006		Não houve crônicas de Cony								
2006	161	Os caminhos do mal				x			x	
2006	162	Ministério de coisa nenhuma				x			x	
2006	163	Um gesto de paz					x		x	
2007	164	A receita de Severino					x		x	
2007	165	Renan está sangrando					x		x	
2007	166	O novo e o velho				x			x	
2007	167	Machismo				x			x	
2007	168	O pai-nosso e o vigário					x		x	
2007		Não houve crônicas de Cony								
2007	169	"Patearan el marisco"	x							X
2007	170	Até a tomada do poder	x							X
2007	171	Toda uma mulher		x						X
2007	172	Estas pequenas coisas				x			x	
2007	173	A descoberta da pólvora				x			x	
2007	174	"Ninfa potável"				x			x	
2008	175	Uma foto e um fato				x			x	
2008	176	A corte e a província				x			x	

ano	Crônica	Título	NAR	PEP	MET	COM	INF	Outras	Jor	Lit
2008	177	O pau e o gato				x			x	
2008	178	Amor-próprio ferido				x			x	
2008	179	A formiga e o vulcão				x			x	
2008	180	Carta na manga					x		x	
2008	181	Matar ou morrer					x		x	
2008	182	Cara inchada				x			x	
		Não houve crônicas de Cony								
2008	184	A cara da América	x							X
2008	183	Tempo em três tempo				x			x	
2008	185	O algodão de Melbourne	x							X
										X
2009	186	O carrasco de Sobibor					x		x	
2009	187	Justiça tarda e falha					x		x	
2009	188	Imagem pública				x			x	
2009	189	Uma toga em questão					x		x	
2009	190	Gripes e gripados				x			x	
2009	191	O mundo continua					x		x	
2009	192	Mídia sem mídia				x			x	
2009		Não houve crônicas de Cony								
2009	193	O sobrevivente	x							X
2009		Não houve crônicas de Cony								
2009	194	Tecnologia de ponta				x			x	
2009	195	Homens & mulheres				x			x	
2010	196	Comícios e coincidências					x		x	
2010	197	Informar é preciso					x		x	
2010	198	Teclas e botões				x			x	
2010	199	"Olhai para isto"				x			x	
2010	200	Maiúsculas e minúsculas				x			x	
2010	201	Pensamentos imundos		x						X
2010		Não houve crônicas de Cony							x	
2010	202	Onde estão todos eles				x			x	
2010	203	Cartão amarelo					x		x	
2010	204	Gran Circo Brasileiro		x						X
2010	205	A violência de cada dia					x		x	
2010	206	A alternativa		x						X
2011	207	"Morram os vivos"				x			x	
2011	208	O máximo e o mínimo				x			x	
2011	209	A grande pergunta	x							X
2011	210	A seta e a estrela		x						X
2011	211	A coisa				x			x	
2011	212	Contra meus hábitos				x			x	
2011		Não houve crônicas de Cony								
2011	213	Metástase					x		x	
2011	214	Outros tempos	x							X
2011	215	"O Lago do Como"	x							X
2011	216	Pelas Barbas de Lula				x			x	
2011	217	Alguma coisa está errada					x		x	
2012	218	Futebol e cerveja				x			x	
2012	219	Os Carnavais do Tarlis	x							X
2012	220	a âncora que falta				x			x	
2012	221	Fantástico	x							X
2012	222	"Res sacra reus"				x			x	
2012	223	A crônica macabra				x			x	
2012	224	Memórias do exílio	x							X
2012	225	O jugamento de Frineira	x			x			x	
2012	226	Astros e ostras					x		x	
2012	227	Palavras, palavras				x			x	
2012	228	Deus seja louvado				x			x	
2012	229	Solução à vista				x			x	
2013	230	São Sebastião				x			x	
2013	231	Diário de bordo				x			x	

Legenda:

NAR: Crônicas narrativas

PEP: Crônicas poema-em-prosa

MET: Crônicas metafísicas

COM: Crônicas comentário

INF: Informativa

Jor: Crônicas Jornalísticas

Lit: Crônicas Literárias